

Ação, personagem, espaço e tempo: do texto ao verbo

Valdeci Batista de Melo Oliveira
Aparecida Feola Sella
Clarice Cristina Corbari

**Ação, personagem,
espaço e tempo:
do texto ao verbo**

**Valdeci Batista de Melo Oliveira
Aparecida Feola Sella
Clarice Cristina Corbari**

**Ação, personagem,
espaço e tempo:
do texto ao verbo**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Valdeci Batista de Melo Oliveira; Aparecida Feola Sella; Clarice Cristina Corbari

Ação, personagem, espaço e tempo: do texto ao verbo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 141p.

ISBN: 978-65-5869-116-7 [Impresso]

978-65-5869-263-8 [Digital]

1. Ação, tempo e espaço. 2. Língua Portuguesa. 3. Personagem. 4. Histórias. I. Título.

CDD – 469

Capa: Lohana Larissa Mariano Civiero e Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

SUMÁRIO

Apresentação	07
PARTE 1: AÇÃO, TEMPO, ESPAÇO E PERSONAGEM NO TEXTO NARRATIVO	11
1 O conto da gatinha: miau, miau!	13
2 Conectando ideias	23
3 Tipologia narrativa do gênero conto	27
4 A narrativa canônica e sua estrutura	31
5 Componentes estruturais da narrativa: as personagens e o motivo desencadeador do acontecimento	37
6 Componentes estruturais da narrativa: ação, tempo e espaço	41
7 Componentes estruturais da narrativa: tema, figura e foco narrativo	47
8 A história no verso	51
9 As plantas em cena	55
PARTE 2: AÇÃO, TEMPO, ESPAÇO E PERSONAGEM NA FRASE	61
10 Lilo: um cãozinho muito esperto em ação	63
11 Lilo e seus segredos	67
12 Ações, processos, estados...	71
13 Tempo e modo verbal	75
14 O aspecto verbal	83
15 As pessoas do discurso	87
16 Verbo: forma e sentido	91

17 O verbo no comando dos elementos da cena	95
18 Valor semântico do verbo	103
19 Vamos praticar?	107
PARTE 3: VERBO: REFLEXÕES TEÓRICAS	111
1 Verbo: ações, processos, estados e fenômenos da natureza	113
2 Tempo, modo e aspecto verbal	115
3 As pessoas do discurso	125
4 O comportamento sintático-semântico do verbo	127
Referências	137
Bibliografia sugerida para leitura	139

APRESENTAÇÃO

Neste livro, você, professor(a), vai encontrar proposta de material didático a ser aplicado no Ensino Fundamental II e discussões que visam a respaldá-lo(a) nesse trabalho. Projetamos textos e exercícios para aplicação em sala de aula (considerando possibilidade de adaptação), com base em correntes teóricas que subsidiam conceitos e reflexões. Apresentamos, também, uma parte teórica sobre verbo, para leitura do professor.

O percurso é limitado à estrutura do texto narrativo, que vai desde sua macro-organização até a relação estabelecida no âmbito da frase. Em termos da macroestrutura do texto narrativo, o enfoque incide justamente na possibilidade de o aluno entender como pode lidar não só com modelos canônicos, mas também com a criatividade. Na narrativa, sempre se espera o desenrolar de um drama. No nível da frase, parte-se do princípio de que também se estabelece um pequeno drama, movimentado pela relação do verbo com os termos a ele vinculados.

Pretende-se demonstrar algumas estratégias de reflexão linguística que possam motivar o aluno a lidar com a leitura e com a escrita de forma criativa e produtiva. Por se tratar de um livro com finalidade principalmente didática, optou-se por um texto que se apresentasse, na medida do possível, em linguagem

adaptada para o nível do aluno, para possibilitar a utilização em sala de aula.

A obra se organiza em três partes. Nas duas primeiras, apresentam-se propostas didáticas, em forma de unidades curtas, sequenciais, destinadas a trabalhar, no primeiro momento, os elementos do texto narrativo, com foco no conto, e no segundo momento, o verbo como elemento mobilizador de uma microcena no interior da frase.

Assim, a Parte 1, intitulada *Ação, tempo, espaço e personagem no texto narrativo*, agrega nove unidades, que apresentam contos relacionados à história de uma gatinha e textos explicativos sobre a estrutura e os elementos do texto narrativo, sobre os diferentes modos de falar e de escrever e sobre coesão textual.

Já a Parte 2, sob o título *Ação, tempo, espaço e personagem na frase*, com dez unidades, traz textos relacionados à história de um cãozinho e explicações sobre o conteúdo “verbo”: definição de verbo, morfemas que o compõem, categorias gramaticais (tempo, modo e aspecto verbal, e pessoas do discurso), aspectos sintáticos e valor semântico dos verbos. Em todas as unidades, tanto da Parte 1 quanto da Parte 2, há propostas de exercícios para praticar o que foi abordado na respectiva unidade.

A proposta da Parte 3, *Verbo: reflexões teóricas*, destina-se à leitura e reflexão sobre aspectos relacionados ao verbo, com vista a subsidiar o trabalho com esse conteúdo em sala de aula. Estão presentes tanto as categorias tradicionalmente abordadas na descrição do verbo quanto as funções sintáticas e semânticas do

verbo sob a perspectiva desse elemento como matriz da organização da frase verbal.

Externamos nossos agradecimentos à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras todo o apoio recebido para que este livro pudesse ser publicado.

Esperamos que esta obra possa auxiliar você, professor(a), em seu incansável esforço de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Valdeci Batista de Melo Oliveira
Aparecida Feola Sella
Clarice Cristina Corbari

Parte 1

AÇÃO, TEMPO, ESPAÇO E PERSONAGEM NO TEXTO NARRATIVO

1

O conto da gatinha: miau, miau!

Você gosta de gatos? Sabia que ter um gato em casa, morando com a gente, melhora nosso humor e nossa saúde? Quer saber mais sobre isso? Busque o que médicos e psicólogos dizem a respeito dos benefícios de ter animais domésticos em casa.

O conto que você lerá retrata a história de uma gatinha muito corajosa, que ama comer sardinha crua e já aprendeu a fazer *boró, boró, boró...*



A gatinha protagonista da história. Foto de Valdeci Batista de Melo Oliveira.

Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa

Ana Clara de Silva Oliveira

O COMEÇO DA HISTÓRIA

Miau purunhum, miau purunhum, falava, na linguagem dos gatos, uma mamãe gata, numa linda manhã de sol, ao mesmo tempo em que lambia, na alegria do nascimento de sua filha, uma gatinha toda manhosa, que veio ao mundo logo depois que seus quatro irmãos já haviam nascido e já mamavam o leitinho da mamãe, bem contentes. A bebê gatinha tinha pelos brancos como algodão recém-desabrochado na lavoura, e algumas manchas escuras nas orelhas e no rabinho. Era tão pequenina ao nascer! Bem menor que seus irmãos! A mamãe gata não economizava cuidados com ela e com os outros gatinhos: lambia-os para acariciá-los e banhá-los, dava-lhes leite e os aquecia...

Pouco tempo depois das primeiras mamadas, os filhotinhos travessos já estavam explorando aquele seu pequeno mundo, que era uma velha garagem abandonada, cheia de quinquilharias, no fundo de um quintal. Mas, para a família de gatos, aquele era o lugar mais aconchegante do mundo, porque era cheio de miados, cheiros e gostos conhecidos. Como era boa a vida com os cuidados da atenciosa mamãe gata!

Um dia, porém, toda essa alegria foi interrompida, e a mãe gata e os irmãozinhos gatinhos se tornaram apenas lembranças na memória da pobre gatinha. Naquele dia triste, uma pessoa muito má tirou da mamãe gata os quatro irmãos e a frágil gatinha. A pobre mamãe gata ficou chorando e procurando seus lindos bebês, sem

saber para onde eles foram levados. E os pobres e indefesos gatinhos, quando foram tirados de sua mãe gata, começaram a miar numa orquestra desarranjada, emitindo sons de desespero e espanto. Não era hora de se separarem. Ainda não estavam prontos, pois eram muito pequenos.

Aquele humano malvado jogou-os em terrenos baldios, cheios de mato, para que morressem de fome. Jogou um de cada vez, deixando-os bem distantes uns dos outros. A gatinha desta história foi a última a ser jogada. Ela podia ouvir o impacto de cada um de seus irmãos ao serem arremessados ao chão. Seus mios altos se distanciavam e silenciavam à medida que aqueles passos agressivos avançavam por aquele lugar sombrio. Era dia, mas se fazia noite naquele céu forrado de nuvens escuras, que, de tempos

em tempos, iluminava-se com relâmpagos que riscavam a massa densa e acinzentada de nuvem no céu.

Por fim, chegou a vez da gatinha de ser jogada. Ela foi arremessada contra uns entulhos. Então, ela miou, miou, miou muito alto... Sentiu uma dor terrível na cauda. Ficou ali, imóvel, por alguns instantes, mas depois saiu andando desnorteadamente. Ela pensava, na linguagem dos gatos, enquanto procurava por sua família: *Onde estão meus irmãos e minha mãe? Que medo! Cadê você, mamãe? Mamãe? Mamãe? Cadê você, mamãe? Eu estou com medo, com frio e com fome, com dor.* Ela miava, miava, perdida e desesperada.

Mas, muito longe dali, a mãe não podia ouvir seu chamado e com certeza chorava de saudades de seus filhotes roubados.

A coitadinha passou o resto do dia andando em

círculos que não davam em lugar nenhum. O mato encheu seus pelinhos de sujeira e de espinhos. Que dor no rabinho ela sentia! Ele fora quebrado quando a pessoa má a jogou. Logo entardeceu, e a situação da gatinha ficava ainda pior, pois começou a chover, e continuou chovendo forte durante toda a noite. Os pingos graúdos que caíam da chuva eram como chibatadas em seu frágil corpinho. Quase morreu encharcada. Sentia frio e tremia... como tremia aquela criaturinha! Tudo a atormentava: *Que escuridão... não vejo nada!*, pensava a pobre gatinha, que ficou mais desinquieta quando ouviu um barulho. Era um latido de algum

cachorro que estava nas proximidades. *Onde me escondo? Se esse cachorro me morder, eu posso morrer!*, pensava a gatinha bebê.

Por causa da fome, do medo e do frio, a gatinha ficou fraquinha e doente, e por isso chorava, chorava muito, mas depois pensava (sempre na linguagem dos gatos, é lógico!): *Chorar não adianta. Eu preciso fazer alguma coisa!*

E daí ela foi andando um pouquinho na direção de onde ouvia o som de passos, mas sentiu uma picada. *Mas que bicho é esse que está me mordendo? Que dor!* Ela olhou com atenção: era formiga!

E foi então que ela ouviu outro barulho...



Gatinha entristecida, antes de ser adotada. Ilustração de Valdirene Aparecida Cotta.

UM ENCONTRO MÁGICO

Já havia amanhecido quando a gatinha percebeu que duas mãos a pegaram. Entrou em pânico e pensou: *Será que aquele humano malvado voltou e agora irá me machucar ainda mais?*

Seu coraçõzinho parecia querer saltar de dentro do peito; já não conseguia miar. Mas o desespero foi logo passando ao sentir o calorzinho daqueles braços que a envolviam num pano quentinho e limpo e a acolhiam. Não sei como conseguiu arranjar forças para miar, mas então MIOOOOOUUUU, MIOOOOOUUUU, MIOOOOOUUUU o mais alto que pôde!

Traduzindo para a linguagem dos gatos, ela estava gritando: *Eu quero a minha mãe! Eu quero a minha mãããããã! Cadê a minha mãããããã!*

Apesar de sentir certa segurança naquele

desconhecido colo, também sentia medo. Ela não sabia que aquelas mãos a estavam socorrendo. Ainda não entendia que existem humanos bondosos. Era pequenina demais para entender isso. Além do mais, se você se lembra, o primeiro contato que tivera com humanos não havia sido nada agradável.

Foi assim que a gatinha branca de poucas pintas escuras conheceu sua nova mãe, que a levou para sua casa, deu-lhe um banho quentinho e cheiroso, tirou as pulgas, as formigas e os matos grudados nos pelos e lhe ofereceu comida. Mas a pequena filhotinha estava tão fraquinha que não queria e nem conseguia comer. *E nem é o leitinho da mamãe gata! Ah, minha mãezinha! Quanta saudade ainda sinto de você!...* pensava ela.

Apesar de tudo o que passou, a gatinha de nossa

história teve muita sorte. Ela foi amparada por sua nova mãe, que logo tratou de levá-la para o médico veterinário. *Que dor na minha barriguinha (e no estômago!). Eles doem mais que o meu rabinho quebrado, resmungava, num miado baixinho.*

A GATINHA AMADA



A gatinha fofucha. Foto de Valdeci Batista de Melo Oliveira.

Finalmente, chegou o dia de voltar para casa. A

A médica veterinária deu um monte de remédios de gosto estranho. Ela vomitava tudo, e nada parava na barriguinha murcha. Lá no hospital de gatos, ela teve muito medo de ser abandonada outra vez. Ficou lá por três dias, e as dores desapareceram.

gatinha aguardava ansiosa, assim como a mãe adotiva. Quando se encontraram, a mamãe abriu um largo sorriso e acalentou-a nos braços. A gatinha, mais do que depressa, quis retribuir o carinho, ronronando sem parar. A mamãe humana, tão dedicada, deu-lhe água com vitamina C e soro caseiro de hora em hora, de dia e de noite. Seguiu certinho as recomendações da veterinária e cuidou da gatinha com todo seu amor.

Logo ela ficou curada e com muita fome. Então, a

mamãe deu-lhe um patê próprio para filhote de gato: *Que delícia! Nossa, que delícia!* Com medo de alguém lhe tirar o pratinho, ela comia e dizia (miaava): *Inhan, nhan, miau, miau, nhan, miau, miau, inhan, nhan, nhan, inhan...* – que, na linguagem dos gatos, quer dizer: *Essa comida é minha, é minha e eu não dou para ninguém! Ela está muito gostosa! Eu quero mais!*

A gatinha esfomeada ficou com a barriga dura de tanto comer e depois caiu no sono. Em seu novo lar, além de comida e muito amor, recebeu uma caminha bem fofa e limpinha, onde logo adormeceu e dormiu muuuuuiito!

Quando acordou, já queria brincar – afinal de contas, gatos também brincam, não é? Para a surpresa da gatinha, no apartamento, já viviam outros três gatos. A primeira era a Pandora, uma linda gata preta já

adulta e cheia de manias. *Ela acha que a mamãe é só dela!* – pensava a novata.

Moram lá também outros dois lindos filhotes negros, como panteras negras de pelo sedoso de tanto brilho. Eles são irmãos e são dois meses mais velhos que a gatinha novata. Seus nomes são Frida e Froide. Não demorou muito para que comesçassem a brincar. Ficaram bem amigos! E agora, os três brincam o dia todo. Pandora não aprova muito a algazarra. Porém, de vez em quando, não resiste e entra na brincadeira (mas só um pouquinho).

Quem hoje olhar, assim, a gatinha correndo por todo lado, escalando os móveis e as cortinas, toda pomposa com sua nova família, nem imagina o que ela já havia passado em tão pouco tempo de vida. Apesar de tudo, pode-se dizer que é mesmo uma gata de sorte. De sorte, sim, porque a pessoa

má a jogou num terreno baldio perto do local em que trabalha sua bondosa mamãe humana, a pessoa que a encontrou e no mesmo instante a resgatou, deu-lhe comida, lar, família e muito amor. Acho que isso aconteceu porque aquela bolinha de pelos macios tinha muita vontade de viver. Então, o anjo salvador dos gatos fez a nova mãe passar por onde estava a gatinha perdida e adotá-la. Mas, apesar de estar muito bem, ela ainda sente falta da mamãe gata e de seus irmãos, mas deles ninguém tem notícias.

A gatinha adora a vida agitada que leva no apartamento. Ela e seus irmãos só se chateiam quando sentem o cheiro do perfume da mamãe. Não é que não gostem da essência. Pelo contrário: adoram! Mas sabem que, quando ela passa perfume, vai para o trabalho. A Pandora apela, fica pedindo para ela não ir,

mia, passa o rabo pelas pernas da mamãe. Quer brincar de esconde-esconde. Já viu isso? Pois é, a Pandora é uma gata que gosta muito de brincar de esconde-esconde com a mamãe e não quer de forma alguma que ela vá trabalhar. Mas a mamãe diz: *Se eu não for trabalhar, nós morreremos de fome, pois não teremos dinheiro para comprar comida!*

A gatinha, preocupada, apela: *Não, sem comida, não! Eu amo patê de sardinha e já sei o que é passar fome!* A gatinha dizia isso na linguagem dos gatos todos os dias e acrescentava, com muita firmeza: *Vai trabalhar, mamãe, que eu cuido da Pandora. Afinal, sou ou não sou uma gatinha corajosa?*

Assim, a gatinha continuou vivendo alegremente com a mamãe humana e seus três novos irmãozinhos. Veja sua foto: é uma fofucha, não é?

Vamos conversar sobre a historinha que você acabou de ler?

EXERCÍCIOS

1. Você gostou da história da gatinha?
2. Qual parte da história chamou mais sua atenção?
Por quê?
3. Escreva o que você sentiu quando a gatinha foi tirada da mamãe gata, estava perdida, com medo e doente.
Como você se sentiu quando ela foi resgatada, sarou e começou a comer, dormir e brincar?
4. Você também gosta de comer peixe? Sardinha crua, como a gatinha, ou sardinha frita? Nossa! É uma delícia de crocante, não? Você fica feliz quando come, dorme e brinca, não é? A gatinha também!

Será que a gente fala, pensa, sonha, imagina, brinca, lê e escreve com palavras soltas? Ou será que as palavras estão todas juntas, como um barbante sem fim enrolado dentro de nossa cabeça, e quando a gente vai falar, pensar, sonhar, imaginar, brincar, ler e escrever, a gente arranca os pedaços que quer ou precisa usar?

Se você imaginou e pensou que usamos pecinhas de emendar uma palavra na outra, uma frase na outra, uma ideia na outra, acertou! Para que nós possamos falar, pensar, sonhar, imaginar, brincar, ler e escrever, nem usamos palavras soltas, nem arrancamos pedaços de um barbante sem fim enrolado dentro de nossa cabeça. Quando falamos ou escrevemos, pegamos as palavras que queremos e emendamos com um grupo de outras palavras que existem para fazer emendas, assim como linha e agulha emendam a manga da blusa. O nome que damos para esse trabalho de emendar é **coesão textual**, que pode ser de vários tipos. Esse trabalho com a linguagem funciona como pecinhas de encaixes que conectam palavras, frases e ideias em um texto, que também é um tecido, só não feito de pano, como a toalha com que nos enxugamos depois de tomarmos banho. Quando usamos a língua, fazemos dela um tecido trançado de palavras e de ideias que vamos entrelaçando.

Para ajudar a pensar sobre a coesão textual, vamos observar os canos de água da casa e/ou da escola. Sabia que esses canos são emendados, assim como quaisquer outros canos, com diversas peças chamadas **conectores**? Nossa casa, nossa escola, nossa rua e muitas coisas mais estão ligadas por milhões de conectores. Eles ligam os canos da água de nossa casa, do telefone que usamos, da

Internet, da luz, do esgoto. Muitos de nós não os vemos, porque eles foram embutidos dentro das paredes, ou embaixo da terra. Mas eles estão lá, quer você os veja, quer não, e se um deles quebrar, faltará ou água, ou luz, ou telefone, ou Internet.

Mas, qual é a relação desses canos com nossa língua portuguesa? Bem, as milhares de palavras que usamos estão sempre em uma relação de dependência uma com a outra. Essa relação pode ser de diversos tipos. Por exemplo, pode ser uma relação entre palavras, como:

café **com** leite

ponto **de** vista

Pode ser uma relação entre orações, como:

A gatinha ficou com medo. **Então**, resolveu procurar um esconderijo.

E pode ser também uma relação entre partes maiores de um texto, como os parágrafos que se juntam para formar histórias como a que lemos sobre a gatinha. Para unirmos as palavras ou partes maiores de um texto, usamos os **conectores** da língua.

EXERCÍCIOS

1. Vamos exercitar a coesão textual? Em cada item abaixo, junte as duas frases, usando um conector para ligar as frases e evitar a repetição.

- a) A gatinha fofucha estava com muita fome. A gatinha fofucha estava há várias horas sem comer.
 - b) A garagem abandonada estava cheia de quinquilharias. A garagem abandonada era o lar dos gatinhos.
 - c) Os gatinhos foram tirados de sua mamãe gata. Os gatinhos começaram a miar.
 - d) Os gatinhos eram muito pequenos ainda. Os gatinhos não estavam prontos para se separarem.
2. Compartilhe suas respostas com os colegas para ver como cada um resolveu a coesão.
3. Seu professor ou sua professora vai selecionar alguns parágrafos do conto da gatinha, para analisar, juntamente com a classe, como foi estabelecida a coesão textual. Vamos prestar atenção para aprender mais?

Tipologia narrativa do gênero conto

Agora que já aprendemos um pouco sobre a **coesão textual**, isto é, as formas como usamos as “pecinhas” da língua para organizarmos um texto, que chamamos de **conectores**, vamos aprender a lidar com a organização do **texto narrativo**.

Você sabia que passamos a vida contando **histórias**? Somente nos reconhecemos como pessoa em nossas histórias. As histórias dão sentido a nossa vida e ajudam na organização de nosso ser. Um dos gêneros textuais que usamos para contar, ler e escrever histórias chama-se **conto**. A palavra *contar* é verbo que nomeia a ação de contar um conto, que é uma narrativa. Mas a palavra *conto* é um substantivo, ou seja, aquilo que resulta do ato de contar. *Quem conta um conto aumenta um ponto*, diz o ditado.

Mas o que é um conto? Um **conto** é uma **narrativa curta**. Então, para ser um conto, a história precisa ser curta, pois, se a história for longa, ela tem outro nome, é outro gênero. Vamos imaginar uma situação para entender a diferença do conto para outros gêneros narrativos: vamos comparar um vídeo curtinho (um curta-metragem) com um filme (um longa-metragem). Então, o vídeo curto está para o conto assim como um filme está para um romance, que é mais longo e tem mais personagens envolvidas.

Olha só que interessante: você pode assistir ao desenho animado *As aventuras de Robinson Crusóe*, adaptação do romance de aventuras *Robinson Crusóe*, que tem mais de 100 páginas e foi escrito por Daniel Defoe, em 1719, portanto, há 301 anos! Uma boa história dura muito e pode ser recontada de diversas formas! Você se lembra de outras histórias que foram contadas em livros e depois foram recontadas de outra forma?

Mas, nosso assunto é o conto, certo? Continuemos. O conto precisa causar impacto no leitor, deixá-lo impressionado; fazê-lo sentir e viver a história. Por que ninguém se interessaria por um conto se ele retratar a ação de escovar os dentes? Porque fazemos isso todos os dias. Porém, pense: e se na história, ao invés de sair água da torneira, saísse uma cobra? Essa história seria interessante, não? Aí, sim, ela poderia ser contada oralmente ou por escrito num conto. Então, podemos concluir que **o conto narra histórias incomuns**, aquilo que não acontece toda hora e que, por isso mesmo, chama a atenção de quem ouve ou lê.

EXERCÍCIOS

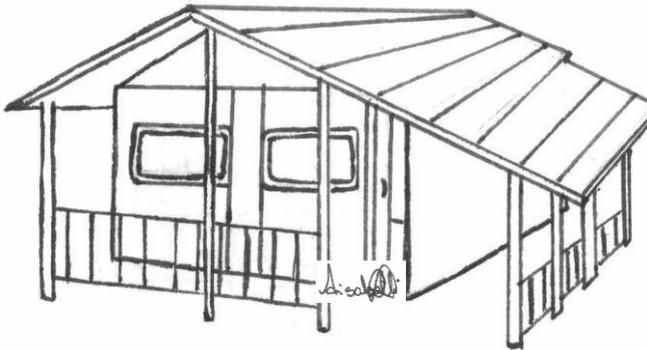
1. Em grupos de três ou quatro colegas, conversem sobre os contos que vocês leram. Orientem-se pelas perguntas a seguir.
 - a) Qual foi o último conto que você leu? Achou interessante? Por quê?
 - b) Qual foi o conto mais interessante que você já leu? Por que você gostou dele? Você recomendaria essa história para seus/suas colegas?

c) Que conto você ainda não leu, mas gostaria de ler? Por quê?

2. Agora, vamos compartilhar nossa discussão com o restante da classe? O professor ou a professora vai organizar esta atividade.

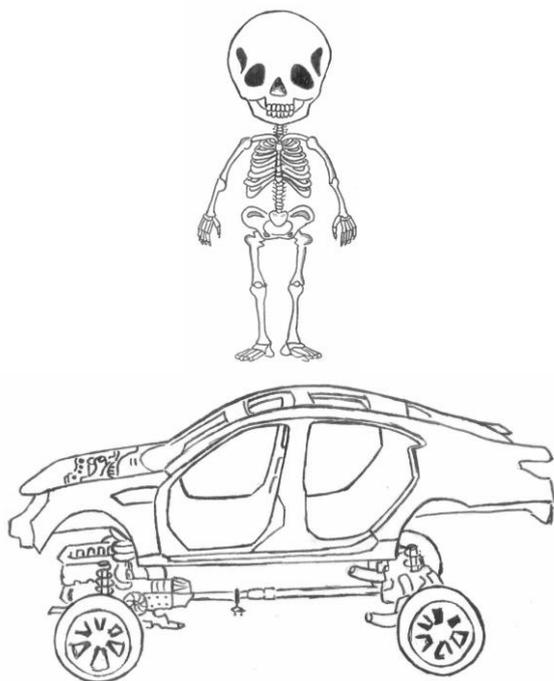
A narrativa canônica e sua estrutura

O conto, assim como todas as narrativas, possui uma **estrutura**. Isso quer dizer que há algumas características que permanecem nas narrativas, mesmo que mudem as personagens, o local e o acontecimento no enredo. É mais ou menos parecido com a estrutura de uma casa: podemos pintá-la da cor que quisermos, mudar as janelas e as portas, mas a estrutura permanece a mesma, caso contrário, nenhuma casa pararia em pé. Uma estrutura é alguma coisa que sustenta outra coisa. Por exemplo, se tirássemos as paredes, o piso e o telhado de nossa casa ou escola, o que nos restaria seria a estrutura.



Estrutura de uma casa. Ilustração de Any Ribeiro.

Sem a estrutura que dá sustentação à casa, ela não pararia em pé. Agora, observemos as próximas figuras:



Any Ribeiro

Estruturas do corpo humano e de um carro.

Ilustração de Any Ribeiro.

O corpo humano e os carros também têm uma estrutura que lhes dá sustentação, assim como a casa. O corpo humano também precisa de uma estrutura similar, formada pelos ossos: se não tivéssemos um esqueleto, seríamos um bolo de carne e não andaríamos. E se o carro não tivesse seu chassi, seria um amontoado de peças desconectadas uma das outras. O mais legal de tudo é que a linguagem que usamos para falar, pensar, imaginar, ler e escrever também precisa de uma

estrutura para se constituir. E os gêneros textuais também!

Qual é, então, a estrutura do gênero textual **conto**? É aquela necessária para que uma narrativa seja possível de ser contada, lida ou escrita. As **narrativas** são **retratos/fotografias/figuração** de uma **ação/reação** dos **seres humanos** no **mundo**, ou de várias ações/reações dos seres humanos no mundo. Olhe para um retrato de uma pessoa que está ausente e perceba que um retrato/imagem/fotografia é a presença de uma ausência, isto é, está no lugar do ser que ela copiou. A narrativa é a tipologia textual que temos para falar de uma ação/reação das pessoas e dos seres vivos. Falamos, lemos e escrevemos narrativas na maior parte do tempo de nossas vidas. Então, a estrutura de uma narrativa, ou o esqueleto que a sustenta, é formada de partes/elementos, como podemos ver no quadro a seguir:

Elementos	Perguntas que podemos fazer para encontrarmos esses elementos na narrativa
1) Acontecimento/ação/reação	✓ O que aconteceu? ✓ Qual foi a ação realizada ou a reação que ela causou? ✓ Como a ação foi realizada ou como a reação aconteceu?
2) Personagens	✓ Com quem aconteceu a história?

3) Espaço/local	✓ Onde a ação ocorreu?
4) Tempo	✓ Quando a ação ou o acontecimento ocorreu?
5) Ponto de vista de quem conta a história	✓ Quem conta a história, valoriza o quê? ✓ Quais são os valores de quem conta a história?
6) Causa/motivo desencadeador do acontecimento da ação	✓ O que falta à personagem principal para que faça a história acontecer?
7) Narrador	✓ Quem está contando/narrando a história? É alguém que participa da história (uma personagem)? Ou é alguém de fora da história, que conta como se estivesse observando? ✓ O ser que conta a história é uma pessoa, um animal ou outro ser?
8) Focalizador	✓ De quem é a “voz” que conta a história: de uma criança, um adulto, um velho, um animal, uma mulher, um homem?

Sem esses elementos estruturais, não podemos contar/escrever uma história, pois eles são constituintes dela. E um conto conta uma história. Por isso, ele é uma **narrativa** e possui o esqueleto de uma narrativa.

EXERCÍCIOS

1. Pense num conto que você leu. Tente responder às perguntas do quadro anterior sobre esse conto.
2. Agora, compartilhe com sua turma essas informações. Seu professor ou sua professora vai organizar essa atividade. Ele/ela pode também indicar um conto para que todos os alunos leiam e depois discutam na sala todas essas características apontadas no quadro.

Componentes estruturais da narrativa: as personagens e o motivo desencadeador do acontecimento

Toda narrativa tem uma **causa ou motivo desencadeador do acontecimento da ação**. E olha só que interessante: essa causa ou motivo está dentro das palavras *protagonista* e *antagonista*! Você talvez não conheça a palavra *ágon*, que é grega, mas provavelmente já conhece as palavras *jogo*, *luta*, *conflito*, *necessidade*, *demanda*, *precisão* e *carência*. A palavra *ágon* quer dizer tudo isso! É por isso que **protagonista** quer dizer **aquele que carrega seu ágon**, ou seja, aquele que carrega sua necessidade/precisão, ou sua vontade/desejo/demanda, ou sua luta/conflito. Por exemplo, se você tiver tomado um litro de água, não vai ter sede, mas como seria se você estivesse num deserto sem sequer um copo de água?

E quem é o/a **antagonista**? É aquela força que tenta impedir o protagonista de tomar posse do que quer ou precisa. Pode ser, por exemplo, a preguiça de realizar uma tarefa que você precisa fazer: você precisa, mas a preguiça não deixa. Quem irá vencer: você ou a preguiça? Ou ainda, pode ser a falta de dinheiro: você quer tomar um sorvete, mas não tem dinheiro.

EXERCÍCIO

Para ilustrar isso que você leu, faça o seguinte exercício: pense em todas as coisas que você precisa, quer ou deseja na vida neste momento e escreva essas

coisas em seu caderno. Ao lado de cada item anotado, liste qual/quais é/são o(s) antagonista(s) que impede(m) você de realizá-las.

Quando você leu a história da gatinha corajosa, quem foi que viveu os maiores acontecimentos e o que esse ser queria? Se você pensou na gatinha, acertou! O que essa gatinha queria para a vida dela? Como todos nós, ela queria ser feliz, viver uma vida boa com sua família de gatos. Todos os seres vivos querem isso! Mas, infelizmente, a vida não é somente como a gente quer. Nem foi para a gatinha e nem é para você ou para mim. Por isso, também existem histórias para a gente aprender que a vida nem sempre é o que a gente quer.

Já vimos que, entre os elementos da narrativa, há a **causa** ou o **motivo desencadeador** do acontecimento da ação, em que agem os protagonistas e antagonistas. O que o protagonista tem a ver com isso? É que **protagonista** é uma palavra para referir-se àquele que quer alguma coisa e às ações que esse ser empreende para conseguir o que quer ou se livrar do que não quer. Mas, o que isso tem a ver com as histórias da gatinha que lemos?

EXERCÍCIO

Agora, pense no que a gatinha queria e no que ela não queria e enumere suas ações e seus pensamentos.

E o **antagonista**, como vimos, é sempre aquele ser ou aquela força, representada por uma personagem na narrativa, que tenta impedir um protagonista de conseguir o que quer. Em nossa vida, temos diversos

antagonistas. Toda vez que vencemos cada um deles, conseguimos o que queremos e nos tornamos mais fortes. Mas, se o antagonista vencer, nós perdemos. Pense nos quatro gatinhos, irmãos da gatinha corajosa: será que todos eles foram salvos? Os que não foram salvos provavelmente acabaram morrendo. Isso quer dizer que perderam para a pessoa malvada, que os jogou nos terrenos baldios para morrerem.

Sem protagonista e antagonista, não há histórias, narrativas, contos. Uma narrativa pode ter como protagonista uma plantinha que queira um pouco de água. Mas, nesse caso, e no caso das histórias de animais, eles são antropomorfizados, quer dizer, ganham características humanas, porque a narrativa é uma faculdade humana. Utilizamos esse artifício para fazer com que aspectos humanos, conhecidos por nós, possam ser utilizados nas coisas e nos seres. Toda narrativa tem personagens principais e também as secundárias, que são auxiliares do protagonista ou auxiliares do antagonista.

EXERCÍCIOS

1. Releia a história *Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa* e analise as personagens:
 - a) Quem são elas?
 - b) Quem é o protagonista?
 - c) Qual é seu conflito/ágon/problema ou o que ele quer ou precisa? Por quê?
 - d) Quem é ou são os antagonistas?
 - e) Por que e como eles tentam impedir a gatinha de ser feliz e amada?

- f) E os coadjuvantes, quem são?
- g) E os figurantes?
2. Desenhe essas personagens da forma que são descritas na história. Será que você consegue? Vamos tentar? Depois, você pode comparar seus desenhos com os de seus/suas colegas e até mesmo montar um mural, com a ajuda do professor ou da professora.
3. O que aconteceu com a gatinha corajosa e o que ela fez?
4. Como ela se sentia no começo da história junto da mamãe gata e dos irmãos?
5. Em algum momento da história existiu alguém ou alguma coisa que motivou a gatinha a querer ou sentir necessidade de desejar? O que ou quem?
6. De que forma a gatinha conseguiu o que precisava para ser feliz?
- a) Tinha uma habilidade especial: sabia lutar Kung Fu.
- b) Tinha poderes mágicos.
- c) Teve a ajuda de alguém.
- d) Possuía uma coleira que lhe dava poderes.
7. Considerando a resposta da questão anterior, em que momento ocorreu essa conquista? Descreva-o.
8. Houve algum tipo de recompensa para o protagonista da história? Qual?
9. Você achou justa essa recompensa?
10. O antagonista foi castigado? Você concorda com o destino dele? Por quê?
11. Qual castigo você acha que o antagonista merece?

Componentes estruturais da narrativa: ação, tempo e espaço

O que é uma **ação**? Ação é quando alguém faz alguma coisa. Ação implica em **movimento**, mesmo quando o movimento ou a animação se passa apenas na imaginação. *Imaginar* + *ação* formam a palavra *imaginação*, então a imaginação é uma forma mental de pensarmos e vermos uma ação que só ocorre em nossa mente. Diferente da imaginação, os sonhos são uma espécie de ação que não controlamos.

Os humanos são feitos para a ação, e quando não agimos, reagimos. Agir é muito melhor que reagir, porque agir pressupõe autonomia e reagir pressupõe obrigação. Como somos seres inteligentes, nós, humanos, costumamos planejar nossas ações. Por exemplo, você arruma sua bolsa escolar hoje para as aulas de amanhã, sua professora prepara hoje as aulas que irá ministrar amanhã e sua mãe pensa nas ações que terá de executar amanhã. Então, sempre que possível, planejamos nossas ações. As ações por planejamento são a primeira e a maioria das ações dos humanos no mundo. Mas, infelizmente, por vezes acontecem coisas que não planejamos, para as quais não estávamos preparados, e então não somos nós que agimos: é o acontecimento que age em nós e nos deixa impactados e até mesmo sem ação. Passado o impacto, conseguimos

recobrar nosso entendimento, e quando superamos, passamos a agir novamente.

E por que agimos no mundo? A vida neste planeta pressupõe ação, pressupõe o fazer. Por exemplo, os passarinhos precisam procurar comida; uma minhoca, uma lagartixa, um peixe, uma abelha, também. Todos os seres vivos precisam de alimento para não morrer de fome. E nessa busca, gastamos grande parte de nossas ações. Mas, os humanos, além da comida, querem passear, brincar, estudar, conhecer, viajar, conversar. Para fazermos tudo isso, executamos diversos tipos de ações. Há inúmeros verbos na língua portuguesa para falarmos das nossas ações no mundo.

As narrativas são uma espécie de fotografia, de retrato (simulacro) das ações que executamos no mundo. Agimos porque queremos, precisamos, devemos, podemos. Sem ação, não há ser vivo no mundo, e a maior parte de nossas ações se dão em busca de realização e de felicidade. É por isso que o grande psicanalista Freud diz que “a meta da vida é a morte, porque a matéria animada em nossos corpos deseja voltar ao estado de inanição”, quer dizer, a um estado sem mais nenhuma ação. Não faremos mais nenhuma ação depois de mortos.

Agora, vamos falar do **tempo** e do **espaço**, outros dois elementos da narrativa. Olhe para o céu e pense no universo, com seus milhões de sóis, estrelas, buracos negros, nebulosas e planetas. Pensou? Essa imensidão quase funde nosso cérebro, não é? Pois então, saibam que, mesmo com os maiores telescópios, não conseguiríamos calcular o tamanho do espaço do universo, e se viajássemos em uma superespaçonave,

nem em anos luz de tempo conseguiríamos percorrer e abarcar o espaço do cosmos.

Nós, humanos, vivemos em um único pontinho do universo. Esse pontinho que habitamos é um lindo planeta azul chamado Terra. A Terra é nossa primeira mãe. Nossos pés estão firmes nela, pois ninguém mora ou vive no vácuo. Esse é nosso espaço maior, e se você puder um dia viajar por ele, irá conhecer lugares incríveis. Mas você também pode viajar pelos livros e IMAGINAR. Agora, pense: mesmo dentro de um avião ou espaçonave, estamos dentro de um espaço, de um lugar. Em um rio, nós estamos ou na água ou dentro de um barco; ou estamos na rua, ou em casa, ou na escola, mas sempre estamos em um lugar, ou seja, em um espaço. Pense no lugar onde você está agora. Você conseguiria descrevê-lo?

As histórias/narrativas acontecem sempre em um **espaço**, ou seja, em um lugar: pode ser em um formigueiro, dentro da barriga de uma baleia, em uma rua, em uma ilha deserta ou misteriosa, na lua, em uma cidade grande, em uma escola, enfim, em mil e um lugares, mas sempre as narrativas se desenrolam dentro de um espaço/lugar.

E o **tempo**? Não existe narrativa sem tempo, pois toda ação acontece em um momento, em um tempo. O tempo faz parte da estrutura narrativa. O tempo, assim como o espaço, pode ser medido em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e milênios. Provavelmente, você já completou uma década de vida. Mas aposto que sua mãe, seu avô, sua madrinha e vários outros adultos já lhe disseram: “Parece que foi ontem

que você era um bebê!”. Mas você quer mais é que o tempo passe logo para que se torne adulta ou adulto, certo? E os mais velhos querem que o tempo passe bem devagarinho.

Uma forma de falarmos sobre o tempo é usar os verbos no **passado**, **presente** e **futuro**. O ontem de seu aniversário é o passado. O hoje que você está vivendo é o presente. Mas, e o futuro? O futuro é o amanhã de seus sonhos, daquilo que você quer! Pense no que você quer. Se você quer, é porque não tem. O que já temos é o presente e o que não temos e queremos ter é o futuro. Entendeu, então, o que é o tempo? Mas, e se ontem você queria um chocolate e não conseguiu comê-lo, por exemplo? Bom, aí quer dizer que você ficou querendo e transferiu o querer de ontem para hoje. Mas, se não conseguir o chocolate hoje e ainda quer esse sonhado chocolate, seu querer vai para um tempo futuro. Entendeu? Pois então, as histórias/narrativas sempre existem para contar a história de alguém que queria ou que quer ou que irá continuar querendo alguma coisa, e sobre o que esse alguém fez ou faz para ter aquilo que queria ou ainda quer. E, para isso, as narrativas precisam do tempo: pode ser o tempo do passado, o ontem; do presente, o hoje; ou do futuro, o amanhã.

EXERCÍCIOS

1. Em qual tempo se passa a narrativa *Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa*? Como você identificou o tempo? (Veja os tempos verbais).
2. Em quais espaços se passa a história? Descreva-os na sequência que a história apresenta.

3. Na situação inicial da história, como estão e como se sentem as personagens?
4. E depois, o que acontece que muda a situação? E como acontece?
5. Como a história termina?

Componentes estruturais da narrativa: tema, figura e foco narrativo

Outro elemento da narrativa é o **focalizador**, que é o ponto de vista do narrador. Quando contamos uma história, trazemos para ela nossa visão de mundo, nossos valores e saberes, nossos gostos, nossas esperanças, nossos medos... Observe: se a gatinha contasse sua própria história, a visão dela seria diferente de se fosse a mamãe gata contando. A história da gatinha poderia ser contada pela médica veterinária, pela mamãe humana, pela Pandora, pelo Froide ou pela Frida. Cada narrador conta a história de um jeito. Do seu jeito. Esse jeito pessoal de contar uma história é chamado de **focalizador, perspectiva** ou **ângulo de visão**, que é a visão de mundo da pessoa que conta a história. Olhe para si e veja que você fala, pensa, sonha, imagina, lê e escreve de um modo que é só seu e que é diferente do modo de seus colegas, irmãos, pais, professores. Pense que as vozes e as tonalidades das vozes que você escuta são diferentes. Os textos escritos também guardam o tom e a visão de mundo de quem os escreveu.

Agora, pense na seguinte situação: você está contando para sua melhor amiga sobre o fato de sua mãe ter prometido levar você para passear no zoológico. Como choveu na hora de sair de casa, não foi possível fazer o passeio. Porém, como você queria muito ir, insistiu com sua mãe, que acabou ficando brava com

você. Agora, imagine que sua amiga reconta essa mesma história para sua professora. Em outro momento, sua mãe conta o que aconteceu para seu pai, e depois, seu pai conta para o pai dele... Será que todos vocês irão contar a história do mesmo modo? Acho que não, né? Cada um conta a história de seu modo e do modo como percebe o mundo. Imagine a Pandora contando a história da gatinha corajosa; depois, imagine a mamãe gata contando a mesma história; depois, o Froide contando a mesma história; e depois, a gatinha contando sua própria história. Cada contador cria uma versão da história, ou seja, uma **focalização**, que é diferente para cada um conforme a pessoa que conta.

EXERCÍCIOS

1. Que tipo de narrador conta a história *Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa*? Assinale com um X a resposta correta.
 - a) Um narrador que participa da história.
 - b) Um narrador que apenas conta a história.
 - c) Um narrador que conta e se intromete na história, sabe dos sentimentos e pensamentos das personagens e até das opiniões ao narrar.
2. Descreva como o narrador fala sobre a gatinha. Ele se refere a ela carinhosamente ou com raiva? Escreva as palavras dele que confirmem o que você descreveu.

Vamos fazer alguns exercícios adicionais sobre a narrativa?

Oposições fundamentais sobre as quais a história se estrutura

1. Na história *Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa*, podemos encontrar oposições que fundamentam o texto. Qual delas está mais evidente no texto? Indique com um X a alternativa correta.

- a) vida x morte.
- b) abandono x proteção.
- c) amor x ódio.
- d) desespero x esperança.

2. Na questão anterior, o que o levou você a assinalar essa opção?

3. Da opção que você assinalou na questão 1, qual palavra apresenta um valor positivo para o sujeito da narrativa? E qual apresenta um valor negativo?

Tematização e figurativização

1. Quais dos temas a seguir são apresentados na narrativa *Fofurinha da mamãe: a gatinha corajosa*? Pode haver mais de uma opção correta. Após assinalar as alternativas corretas, relacione-as aos trechos do conto transcritos na sequência.

- a) Violência.
- b) Doença.
- c) Acolhida.
- d) Emoção.
- e) Felicidade.
- f) Adoção.

() Foi assim que a gatinha branca de poucas pintas escuras conheceu sua nova mãe, que a levou para sua casa, deu-lhe um banho quentinho e cheiroso,

tirou as pulgas, as formigas e os matos grudados nos pelos e lhe ofereceu comida.

() Seu coraçãozinho parecia querer saltar de dentro do peito

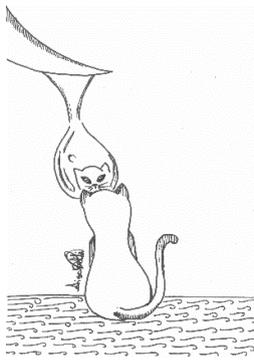
() Como era boa a vida com os cuidados da atenciosa mamãe gata!

() Aquele humano malvado jogou-os em terrenos baldios, cheios de mato, para que morressem de fome.

2. Essa narrativa parece pertencer ao gênero conto. Para ser classificada assim, ela precisa ter algumas características. Quais? Vamos lembrar o que estudamos nas unidades anteriores.

A história no verso

Às vezes, uma história pode ser contada em forma de versos de um poema ou de uma música. Na letra de *rap* a seguir, pode-se encontrar vários elementos da narrativa.



Pingo. Ilustração de Any Ribeiro

Rap do Pingo

Eu sou Pingo (pingo)
 Nem mano, nem mina
 Uma gota do mar, do rio, da
 piscina
 Eu tiro onda, eu tô na fossa
 No fundo do poço ou no raso
 da poça
 Um dia eu sou o suor do
 trabalho

No outro eu tô sereno, igual
 orvalho
 Mas nem tudo são flores,
 cascata, riacho
 E de repente, vai tudo por
 água abaixo
 Minha vida não é fácil,
 quantas vezes já entrei pelo
 cano

Mas eu sempre tenho um
plano
Dou a volta por cima e de
pingo
Em pingo a gente enche o
oceano
No banheiro e na torneira,
tem pingo
No chuveiro e na mangueira,
tem pingo
Brincadeira na banheira, tem
pingo, tem pingo
Eu lavo a alma, a palma, o
rosto e o resto
Eu inundo, mais da metade
de todo mundo
Todo sangue, no corpo, no
copo, no balde
Eu não sigo a moda, eu sigo o
molde
Água que molha os olhos,
vira lágrima
Mas são águas passadas, vira
a página
E nada de choramingo, sem
mágoa
Só não vale nó em pingo
d'água
Pingo mole em pedra dura,
tanto bate até que fura
Posso ser o pingo da vacina
que te cura
Mato sua sede, sou suco, sou
leite
Mas aceite, com azeite a
gente não se mistura
Na queda da cachoeira, tem
pingo

No bico da mamadeira, tem
pingo
Muda a maré, derrete a
geleira, tem pingo, tem pingo
Eu viro fumaça, eu viro
vapor
Nada cai do céu de graça, me
faça o favor
Se você não agradece quando
a água desce
Então você desconhece meu
valor
Por isso vim pra colocar os
pingos nos I's
Então escuta bem o que o
Pingo disse
"Cuidado porque senão eu
me vingo
Te deixo resfriado e deixo
um pingo no nariz"
Agora vou-me embora
Porque chegou a minha hora
de vaziar
Só peço que no meu lugar se
ponha
Desculpa se eu falei demais
É que meus amigos são
tímidos
E eu não tenho um pingo de
vergonha
No topo da cordilheira, tem
pingo
Embaixo da ribanceira, tem
pingo
O telhado tá furado
E cheio de goteira, tem pingo,
tem pingo

Dentro da geladeira, tem
pingo
Numa nuvem passageira,
tem pingo
Tava apertado e fez xixi na
cama inteira
Tem pingo, tem pingo
Chuá chuá, tô por todo lugar
Chuá chuá, só não posso
parar

Chuá chuá, não sei aonde vai
dar
Só sei que muitas águas vão
rolar
Chuá chuá, tô por todo lugar
Chuá chuá, só não posso
parar
Chuá chuá, não sei aonde vai
dar
Só sei que muitas águas vão
rolar

BRAZZA, F. **RAP do pingo**. [S.l.]: Palavra cantada oficial, 2019. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIMbrcQCtj4>. Acesso em: 06 mar. 2020.

Componentes estruturais: ação, tempo e espaço

1. Quem é a personagem dessa história? É um pingo, ou “o Pingo”?
2. Você percebe que o Pingo é um pingo que gosta de contar vantagens e falar muito sobre quem ele é e o que ele faz?
3. Por que o Pingo destaca tanto as ações e o fato de ser um pingo de água?
4. Pense: qual é a atenção que nós damos para um pingo de água?
5. Na situação inicial da história, quem se apresenta é um pingo chamado Pingo. Ele faz uma apresentação direta de suas características. Releia a estrofe inteira:

Eu sou Pingo (pingo)
Nem mano, nem mina
Uma gota do mar, do rio da piscina
Eu tiro onda, eu tô na fossa

<p>No fundo do poço ou no raso da poça</p> <p>Observe que os versos podem ter duplo sentido. O professor ou a professora irá ajudar você a entender o que quer dizer a expressão “duplo sentido”: sentido literal e sentido figurado.</p>
<p>Oposições fundamentais sobre as quais a história se estrutura</p>
<p>6. No rap <i>O Pingo</i>, também podemos encontrar oposições que fundamentam o texto. Qual delas está mais evidente no texto?</p> <p>a) molhado x seco. b) líquido x sólido. c) importância x desvalorização. d) conhecimento x ignorância.</p> <p>7. Considerando a resposta na questão 6, o que o levou a assinalar essa opção?</p> <p>8. Da opção que você assinalou na questão 6, qual palavra representa um valor positivo para o eu-lírico? E qual apresenta um valor negativo?</p>
<p>Acontecimento</p>
<p>9. O que fala o Pingo sobre uma gota de água que fará você rever o que sabia sobre um pequeno pingo de água?</p>
<p>Tematização e figurativização</p>
<p>10. Dos temas a seguir, os apresentados pelo rap são:</p> <p>a) <i>Pingo</i>. b) pingo. c) Importância de um pingo de água para o planeta Terra.</p>

As plantas em cena

As personagens de uma narrativa podem ser compostas por seres humanos, seres mitológicos, animais, plantas e até mesmo objetos inanimados. Na história a seguir, as personagens principais são plantinhas de erva-doce.

As plantinhas cheirosas

Ana Clara de Silva Oliveira*



Semente e flor de erva-doce. Imagens de Pixabay.

Um punhado de sementes vivia brincando dentro de um potinho de sementes, onde elas esperavam para serem vendidas. Elas eram muito amigas e sonhavam crescer juntas e fortes para poderem conversar e brincar. Uma senhora

idosa comprou um punhado dessas sementes e as plantou num canteiro de terra bem fofa e adubada do quintal de sua casa.

As sementinhas estavam felizes, pois todo dia, à tardinha, a senhora molhava o canteiro, e as

sementes se refrescavam, matavam a sede, engordavam para germinar. Com tantos cuidados, elas nasceram lindas e fortes e cheirosas. Eram sementes de erva-doce, que agora cresciam felizes com os cuidados da senhora que as plantara para que, depois de grandes, ela pudesse fazer chás para seus netos. Ventinho pra cá, ventinho pra lá:

– Ah, que cheirinho bom vocês têm, meus irmãos! Nosso canteiro perfuma todo o quintal! Até quem passa na rua, anda mais devagar para poder apreciar o cheirinho. Vocês perceberam que os pássaros ficam mais tempo nos pés das árvores, só curtindo suas vidas de pássaros, descansando e sentido esse perfume? – dizia uma sementinha para seus irmãos.

Mas, um dia, elas estranharam, pois a senhora não lhes deu água.

– Ai, que sede! E que calor! Sai pra lá, você está me esquentando!

No outro dia, foi um sufoco, o sol ardia e queimava. Dava para fritar ovo no asfalto. A água que estava no corpo dos pés de erva-doce começou a evaporar, e elas começaram a murchar. Um não aguentavam o calor e desmaiavam, outras se encolhiam tristes e mortas de sede. Uma a uma, elas iam murchando. Que dia e que sede elas enfrentavam! Como seria bom um pouco de água!

– Vamos aguentar, gente! Acho que a senhora se esqueceu de nós só hoje, amanhã ela nos dará água. Sempre regou nosso canteiro com mangueira! Pois como todos os outros seres vivos, nós da família dos vegetais também precisamos de água. Sem água, não há vida na Terra, vocês sabiam disso, meus irmãos? – disse a plantinha mais forte de todas.

Ela prestava atenção em tudo o que a senhora falava e tinha ouvido ela dizer que as plantas também bebem água, por isso sabia. Mas o que nem ela e nem seus irmãos sabiam era que a senhora que cuidava tão bem delas tinha ficado doente e estava no hospital, por isso não tinha regado o canteiro.

Ao anoitecer, o filho foi visitar a senhora, e ela pediu a ele que fosse lá em sua casa molhar os canteiros. Ele foi, e quando as plantas sentiram o cheiro da água que saía da mangueira, começaram a se animar. Os mais fortes ajudavam os mais fracos a se levantarem. Mas, quando a água começou a cair sobre o canteiro, elas ficaram preocupadas, pois

* Ana Clara de Silva Oliveira era aluna do 5º ano, da Escola Municipal Emilia Galafassi (Cascavel – PR), quando escreveu o texto. Texto revisado.

o filho da senhora regava com muita força, sem a delicadeza da senhora com quem elas estavam tão acostumadas.

– Vai devagar! Quer me arrancar do chão, com tanta força? Olha, eu estou fraquinha, fiquei dois dias sem beber água nesse sol escaldante – as plantinhas reclamavam.

O filho veio regar os canteiros enquanto a senhora ficou no hospital, e quando ela sarou e voltou para casa, ficou muito feliz com o cheiro de erva-doce que saía de seu canteiro, e as plantinhas sentiram a diferença quando, à tarde, ela voltou a lhes regar.

– Ufa! Como é bom ter nossa dona de volta! Tomara que ela nunca mais adoça!

Componentes estruturais: ação, tempo e espaço

1. Em qual tempo se passa a narrativa? Como você identificou o tempo?
2. Agora, pense: como foi seu dia, ontem e hoje, e como você imagina e deseja que seja seu dia de amanhã? Viu como em nossa vida o tempo entrelaça o ontem no hoje e o hoje no amanhã? Pois é, as histórias fazem o mesmo.
3. Em quais espaços se passa a história? Descreva-os na sequência da história.
4. Na situação inicial da história, como estão e como se sentem as personagens?
5. E depois, o que acontece que muda a situação, e como acontece?
6. Como a história termina?
7. Quanto às personagens, identifique:
 - a) Quem são elas?
 - b) Quem é o protagonista?
 - c) Qual é seu conflito/ágon/problema ou o que ele quer ou precisa? Por quê?
 - d) Quem é ou são os antagonistas?
 - e) O que acontece para as plantinhas quase morrerem de sede?
 - f) Quem são os coadjuvantes?
 - g) E os figurantes?
8. Desenhe essas personagens da forma que são descritas na história.
9. Que tipo de narrador conta essa história? Indique a alternativa correta.
 - a) Um narrador que participa da história.
 - b) Um narrador que apenas conta a história.

c) Um narrador que conta e se intromete na história, sabe dos sentimentos e pensamentos das personagens e até das opiniões ao narrar.

10. O narrador fala sobre as plantinhas com carinho ou com raiva? Escreva as palavras dele que confirmem o que você descreveu.

Oposições fundamentais sobre as quais a história se estrutura

11. Na história *As plantinhas cheirosas*, podemos encontrar oposições que fundamentam o texto. Qual delas está mais evidente no texto?

a) vida x morte.

b) sol escaldante x água refrescante da mangueira.

c) saúde x doença.

12. Considerando a resposta à questão 11, o que o levou a assinalar essa opção?

13. Da opção que você assinalou na questão 11, qual palavra representa um valor positivo para o sujeito da narrativa? E qual apresenta um valor negativo?

Acontecimento

14. O que aconteceu com as plantinhas e o que elas fizeram?

15. Como elas se sentiam no começo da história, juntas no potinho, esperando para serem plantadas?

16. O que aconteceu para que as plantinhas ficassem com sede e sem água que as molhasse?

17. As plantinhas conseguiram o que precisavam para serem felizes? De que forma? Possuíam uma enorme

sombrinha que as protegia do sol? Tiveram a ajuda de alguém?

Tematização e figurativização

18. Qual tema é apresentado na narrativa?

() Água é vida e saúde.

() Falta de sol causa doença.

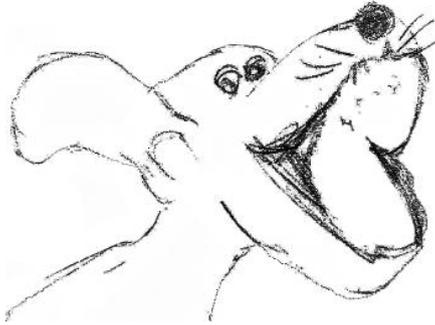
() Plantas sobrevivem sem água.

19. Essa narrativa também pertence ao gênero conto. Para ser classificado assim, há algumas características que precisam ser seguidas. Quais delas podem ser encontradas no texto que você leu?

Parte 2

AÇÃO, TEMPO, ESPAÇO E PERSONAGEM NA FRASE

Lilo: um cãozinho muito esperto em ação



Lilo, o protagonista. Ilustração de Gabriel Sella e Lohana Civiero.

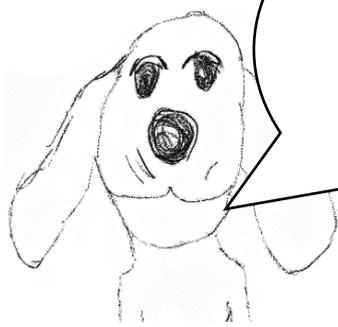
Até aqui, nós lemos histórias sobre alguns seres vivos (gatos, plantas, humanos e sobre o pingo de água que foi antropomorfizado pelo *rapper*, ou seja, que ganhou mobilidade e outras características humanas). Todos esses seres viveram e estão vivendo a **história** de suas vidas no planeta Terra, e nela eles desejam estar bem e ser felizes.

Você sabia que todo ser vivo, seja humano, não humano ou planta, busca uma vida saudável? O que você acha que é preciso para ser feliz e se realizar como espécie? Pense em um gato, em um cachorro, em uma planta, em uma pessoa! É possível viver sem água potável? Você sabia que, quando os cientistas procuram vida em outros planetas, eles primeiramente procuram

por água? Mas, além da água, os seres vivos precisam de alimentos e de um abrigo.

Todo ser vivo tem uma história e, nela, cada um **age** ou **reage** para estar bem e ser feliz e se realizar. Quando falamos em ação, estamos falando de **verbos**. Os verbos representam nossas **ações**: falar, conversar, pensar, imaginar, ler, escrever e tantas outras que realizamos todo dia, toda semana, todo mês ou mesmo de vez em quando. Os verbos também representam nossas **reações**, nossos **sentimentos** e nossos **desejos**: chorar, rir, sentir, querer... E há muitas outras coisas que os verbos podem representar! Então, vamos estudar sobre os verbos. Vamos entender por que o verbo comanda uma pequena historinha no interior da frase. Essa pequena historinha junta-se a tantas outras e formam um texto.

A personagem desta unidade é um cãozinho esperto, que gosta de levar a vida do seu jeito. Ele é egoísta, mas também muito criativo! Ele ama sua família e é muito amado por ela!



Bom, agora é comigo, senhoras autoras. Eu gostaria muito de participar das histórias da Gatinha Fofucha do capítulo anterior. Quem sabe eu dê um giro por lá um dia desses. Lá vai a minha vez de atuar.

Lilo, o cãozinho esperto. Ilustração de Gabriel Sella e Lohana Civiero.

Sou o cão mais esperto das galáxias!

Aparecida Feola Sella

Meu nome é Lilo. E o seu?

Minha mãe humana sempre diz que sou peralta. Bom, vejamos se você concorda com ela. De manhã, já acordo com o barulho da minha mãe, que está fazendo café. Saio correndo da minha caminha e espero a minha refeição, que não é a mesma dos demais membros (seres humanos) da família. Todos comem à mesa.

Eu cuido de cada conversa, de cada detalhe, de cada movimento. E lá vai! Um deles diz:

– Mãããããe, o Lilo subiu na cadeira e depois na mesa e pegou duas bolachas.

Bom, lá vem bronca! Faça de conta que não sei de nada. Eu sei interpretar muito bem aquele tipo que é inocente, com olhar

meigo. Muito lindinho! E a minha mãe diz:

– Como vou dar bronca nesse “modeuso”?

Bom, já mudei de nome. Eu tenho muitos nomes alternativos. Às vezes, minha mãe me chama de “meu dragãozinho”. Não sei por quê, mas ela acha que eu me pareço com um personagem do filme *Como treinar o seu dragão*. Depois, ela acha que eu me pareço com qualquer cãozinho que ela vê andando pela rua. Ou talvez ela ache que ele se parece comigo. Ou talvez ela relacione uma coisa com a outra. Esses humanos!... Outro dia, ela ganhou uma orquídea e disse que a planta se parecia comigo. Pode, isso?

Vocês estão vendo por que é fácil driblar esses humanos?

EXERCÍCIOS

1. Vamos observar as ações do Lilo? Logo que acorda, Lilo realiza uma série de ações. Complete as ações de Lilo que estão faltando na lista abaixo, na ordem em que está no texto.

1ª ação: _____

2ª ação: _____ correndo da caminha

3ª ação: comer a refeição

4ª ação: cuidar da conversa da família (Bom, isso ele faz o tempo todo!)

5ª ação: _____ na cadeira e na mesa

6ª ação: _____ duas bolachas

2. Lilo cuida da conversa do povo da casa. Você acha que ele faz isso por quê?

3. Vamos conversar sobre os sentidos variados do verbo CUIDAR?

Lilo **cuida** do gatinho da vizinha.

Lilo **cuida** da conversa.

Lilo **cuida** da saúde.

Lilo **cuida** da casa.

Lilo **cuida** do osso.

Lilo e seus segredos

Agora, vamos ler o que Lilo faz à tarde, segundo a versão de seu irmão humano?



Lilo, o cãozinho misterioso.

Ilustração de Gabriel Sella e Lohana Civiero.

À tarde, ninguém sabe...

Gabriel Antonio Sella

Lilo é um cachorro inteligente que se faz de bobo. Dorme ao pé da mesa para dar o bote na comida, quando todos saem de perto. Até aí, fica à vista um pouco de sua inteligência, mas a esperteza mesmo só acontece à tarde. Por quê?

É quando todos saem de casa.

Todos trabalhando. Lilo sozinho em casa. Está na hora de tirar o disfarce de bobo e dar um rolé. Abre a porta, entra no elevador já de óculos escuros e casaco, e vai para o térreo. Lilo está imperceptível e pronto

para encontrar seu hidrante da vez. Dá “boa tarde” ao porteiro, sai do prédio e caminha pela rua, como se fosse humano, para que ninguém o note. Além do mais, todos acham que cachorro não é inteligente.

Mas, houve um dia em que Lilo acabou encontrando, no meio do caminho, alguém meio disfarçado, igual a ele. Lilo aproximou-se do “sujeito”:

– Boa tarde. Como é seu nome?

– Tarde! Bananilton. E o seu?

– Lilo. Que nome interessante! Por que você está usando tanta roupa?

– Eu poderia fazer a mesma pergunta, mas lhe digo que sou um espião. Tenho uma missão a cumprir. Adeus.

– Hummm... Até mais, então.

Mas, quando o Bananilton continuou andando, Lilo olhou para trás e viu que, por baixo de sua roupa, saía um rabinho. Lilo também observou que passava uma garota usando chapéu ao lado de Bananilton. Ela tirou uma banana do chapéu e a jogou para o lado de Bananilton, que a pegou e começou a comê-la ali mesmo.

Curioso, Lilo aproximou-se de Bananilton e foi tirar o disfarce desse impostor. Arrancou seu chapéu e seus óculos e viu o rosto de sua mãe, que dizia:

– Dormiu a tarde inteira, hein!

Quem disse que cachorro não sonha?

EXERCÍCIOS

1. Leia a parte do texto que descreve o disfarce do Lilo. Agora, tente desenhar, em seu caderno, o Lilo disfarçado.

2. Você sabe o que é um hidrante? Se não sabe, pesquise. Você pode procurar no dicionário, perguntar a alguém ou procurar no Google Imagens. Depois, desenhe o hidrante ao lado do Lilo disfarçado que você desenhou antes. Seu desenho vai ficar “show de bola”!

3. Vamos conversar sobre os sentidos diferentes do verbo PEGAR?

Lilo **pegou** uma gripe.

Lilo **pegou** o osso.

Lilo **pegou** o ônibus.

Lilo **pegou** a conversa.

4. E com o verbo ABRIR?

Lilo **abriu** a porta.

Lilo **abriu** os olhos e viu alguém se aproximando.

Lilo **abriu** seu coração.

Lilo **abriu** os olhos para a realidade.

Lilo não se deu por vencido. Apresentou sua versão sobre o que faz durante as tardes.

À tarde, muitos sabem...

Aparecida Feola Sella

Eu, Lilo, estou somente esperando que o povo demore para chegar. Tomara! Vou ligar a TV e colocar minha música preferida, no estilo *dog-rock*, e conversar com meu amigo Etelano. Minha mãe

não sabe, mas sou um alienígena hibridado, que vive em um mundo paralelo, quando ninguém está em casa.

– Lilo, venha aqui, rapaz!

Vou fazer de conta que não estou ouvindo. Não é que chegou mais cedo meu irmão humano?! Ah, sim! Eu só ouço o que me interessa.

– Lilo, cadê você?
Venha, meu *brother*.

Vou ficar tranquilo aqui, no meu canto.

– Ei, Lilo! Veja o que eu ganhei, e logo!

E o que eu quero saber? Pois é, meu! Agora, não posso ouvir minha música favorita e nem falar sobre a teoria das ondas gravitacionais e sobre a importância da Lua para seu planeta Terra.

– Tá bom, então! Deixa pra lá.

É isso mesmo, seu estraga diversão!

EXERCÍCIOS

1. Você acredita em alienígenas? Acredita que Lilo pode ser realmente um alienígena hibridado? Explique sua ideia.
2. Lilo só ouve o que interessa. O que você acha disso? Você faria a mesma coisa se estivesse no lugar de Lilo?
3. Como você acha que seria um *dog-rock*?
4. Vamos criar uma letra e uma melodia para um *dog-rock*? Reúna-se com um/a colega ou em pequenos grupos, conforme a orientação do/a professor/a, e solte as asas da imaginação. Depois, o/a professor/a irá organizar as apresentações.

Ações, processos, estados...

Vamos estudar um pouco sobre verbos? Nos três textos que você leu sobre Lilo, podemos perceber que o cãozinho age de diversas formas. Isso pode ser verificado pelos verbos que são usados nos textos. O **verbo** é o nome utilizado para designar as palavras ou expressões que combinem estas duas características:

✓indica ação, processo, estado e fenômeno da natureza.

✓indica o tempo (passado, presente e futuro), modo (de forma afirmativa, hipotética e imperativa), aspecto (duração) e a pessoa do discurso (quem fala, com quem se fala, e de quem se fala).

Para entender melhor, veja os exemplos no quadro a seguir:

VERBO É A PALAVRA QUE INDICA AÇÃO, PROCESSO, ESTADO E FENÔMENO DA NATUREZA.

Exemplos:

- Verbos que indicam **ações**: pintar, comer, pular, lavar, sentar-se... O sujeito é um *agente*, isto é, um ser que *faz* algo, que *realiza alguma atividade*.
- Verbos que indicam **processos**: adoecer, dormir, sentir, conhecer, tornar-se... O sujeito é um *paciente*, *experenciador* ou *beneficiário*, e o verbo expressa *algo que se passa* com o sujeito ou que ele *experimenta* ou *recebe*.

- Verbos que indicam **estado**: estar, ficar, continuar, ser, existir... Esses verbos indicam *posse, existência* ou uma *característica* ou *condição* do sujeito.
- Verbos que indicam **fenômenos da natureza**: chover, trovejar, ventar, gear, anoitecer... Não há sujeito; trata-se de algo que *ocorre na natureza*.

O VERBO INDICA O TEMPO, O MODO, O ASPECTO E A PESSOA DO DISCURSO.

Exemplos com o verbo CORRER:

- Indicação do **tempo**: correu (passado), corre (presente), correrá (futuro)...
- Indicação do **modo**: correu (ação que de fato aconteceu), correria (hipótese), corra (ordem)...
- Indicação de **aspecto**: correu (ação que aconteceu em um momento específico), corria (ação habitual no passado)...
- Indicação da **pessoa do discurso**: corri (eu), correrá (ele, ela), corremos (nós)...

Vamos nos aprofundar um pouco mais sobre os verbos segundo o sentido que eles expressam? É exercitando que se aprende!

EXERCÍCIO

1. Leia as frases abaixo sobre o Lilo e indique se o verbo sublinhado indica **AÇÃO**, **PROCESSO**, **ESTADO** ou **FENÔMENO DA NATUREZA**. Algumas frases têm mais de um verbo, mas você deve analisar só os que estão em **negrito**.

Lilo é muito esperto.

Lilo **corre** pela casa.

Choveu a tarde toda e Lilo ficou dormindo.

Lilo **acordou** com o barulho da mãe humana fazendo o café da manhã.

Lilo **está** triste porque ninguém o levou para passear.

Lilo **ganhou** um petisco.

Lilo **recebeu** uma bronca de sua mãe humana.

Lilo **permaneceu** calado durante toda a manhã.

Lilo **sabe** que é amado.

Lilo **sentiu-se** mal.

Lilo **subia** na mesa toda manhã.

Lilo **tem** orelhas grandes.

Lilo **vestiu** uma fantasia e **saiu** para a rua.

Lilo **viu** um sanduíche na mesa.

Quando **amanheceu**, Lilo sentiu-se melhor.

Trovejava muito, e Lilo ficou com medo.

É importante lembrar que há palavras que indicam ação, processo, estado e fenômeno da natureza, mas não são verbos. Veja estes exemplos:

De repente, a **chuva** começou a cair.

Lilo e as crianças desabalaram em uma **corrida** para encontrar abrigo.

As palavras *chuva* e *corrida* são nomes que designam ações, mas não são verbos. São substantivos. Para serem consideradas verbos, essas palavras precisam estar conjugadas em determinado tempo e modo verbal, e com pessoa do discurso (eu, ele, nós etc.).

Tempo e modo verbal

O **tempo verbal** diz respeito ao tempo em que se situa a ação, processo, estado ou fenômeno da natureza; ou seja, refere-se ao **presente**, ao **passado** e ao **futuro**. Mas, apesar de termos esses três tempos cronológicos básicos, são diversas as formas que o verbo assume para indicar o tempo, em português. Por exemplo, ao nos referirmos ao passado, podemos usar o *pretérito perfeito* para falar de uma situação que ocorreu em um tempo específico, ou podemos usar o *pretérito imperfeito* para falar de uma situação que era habitual ou que teve certa duração, conforme vemos nas frases a seguir. A primeira frase está no pretérito perfeito, pois retrata algo que ocorreu em determinado momento no tempo:

Ontem, Lilo **correu** para o portão quando o carteiro **chegou** com a encomenda.

A próxima frase está no pretérito imperfeito, pois retrata ações que ocorriam com frequência no passado:

Lilo **corria** para o portão toda vez que o carteiro **chegava** com encomendas.

Outro aspecto importante a ser considerado é que o tempo verbal presente do indicativo, apesar de ter o nome de “presente”, não representa exatamente o tempo

cronológico presente, isto é, não descreve algo que acontece no momento em que o falante usa esse tempo verbal, seja na fala, seja na escrita. Vamos ver um exemplo?

Lilo **sai** disfarçado para sua missão secreta
todas as tardes.

Veja bem que o autor desse enunciado não está descrevendo uma ação em desenvolvimento no momento presente, mas uma ação que acontece sempre. Trata-se de uma ação atemporal, isto é, que não está ligada a um tempo definido. Nesses casos, e naqueles casos em que se fala de algo que é considerado sempre verdadeiro, como na frase *O sol nasce no Leste*, usa-se o presente do indicativo.

E você sabia que dá para usar o presente do indicativo também para descrever ações do passado? Vejamos este exemplo:

Em 1969, Neil Armstrong **torna-se** o primeiro
homem a pisar na lua.

Nessa frase, o narrador relata um fato passado como se estivesse acontecendo no momento da fala ou escrita. Esse uso do presente para descrever fatos do passado ocorre com frequência nos textos sobre história. É como se o narrador voltasse ao momento em que os fatos aconteceram e descrevesse as cenas como se as estivesse presenciando. Assim, o presente pode substituir o passado para dar mais intensidade às ações descritas na

narrativa, ou para criar um suspense, como se pode observar no exemplo a seguir:

De repente, a porta **se abre** e Lilo **vê** um vulto se movendo na sala meio escura.

Mas, será que dá para usar o presente para se referir a uma situação do futuro? Pois é, isso é possível. Veja estes exemplos:

A família de Lilo **parte** para o Rio Grande do Sul amanhã bem cedinho.

Hoje à noite, **vamos** ao cinema.

Nesses exemplos, o presente foi usado para se referir a um futuro bem próximo, e está acompanhado de termos que indicam tempo (*amanhã bem cedinho, hoje à noite*), para ficar claro que se trata do futuro.

Agora, vamos exercitar um pouquinho o uso do tempo verbal?

EXERCÍCIOS

1. Leia as frases abaixo sobre Lilo e depois responda às perguntas sobre o TEMPO VERBAL:

Lilo **comia** mingau quando era pequeno.

Lilo **está pulando** pela sala.

Lilo **está** sentado na cadeira da mãe humana.

Lilo **sai** disfarçado para sua missão secreta todas as tardes.

Lilo **se disfarçará** de hipopótamo na próxima vez que sair.

Lilo **subiu** na mesa e **abocanhou** o sanduíche do irmão humano.

Lilo **vai fingir** inocência quando o acusarem de pegar as bolachas da mesa.

- a) Quais frases indicam algo que já aconteceu ou que acontecia com frequência no passado?
- b) Quais frases indicam algo que Lilo ainda vai fazer (futuro)?
- c) Quais frases indicam algo que está ocorrendo no momento da descrição (presente)?
- d) Qual frase indica um costume, uma ação frequente de Lilo (presente)?

2. Marque as frases abaixo que estão no tempo verbal do **presente do indicativo**, mas descrevem ações e processos que são atemporais, que são sempre verdadeiros, ou que ocorrem com frequência. Se estiver em dúvida sobre a forma dos verbos no tempo presente, veja o quadrinho após as frases com um exemplo de conjugação.

- a) () Lilo **está comendo** sua ração neste momento.
- b) () Lilo **come** ração todas as manhãs.
- c) () Os cães geralmente **gostam** de ração.
- d) () Lilo **brincava** ou **dormia** o tempo todo quando era pequeno.
- e) () Lilo **é** um cachorro muito amado.
- f) () Quando **chove**, Lilo **prefere** dormir.

Exemplo de conjugação no presente do indicativo – verbo CANTAR:

Eu **canto** – tu **cantas** / você **canta** – ele/ela **canta** – nós **cantamos** – a gente **canta** – vós **cantais** – vocês **cantam** – eles/elas **cantam**

3. Marque as frases abaixo que estão no tempo verbal do **presente do indicativo**, mas descrevem situações que ocorreram no passado:

- a) () Em 2013, a família de Lilo **muda-se** para o bairro Belvedere.
- b) () Ontem, Lilo não **comeu** sua ração, pois estava doentinho.
- c) () Lilo sempre **brinca** com os visitantes.
- d) () A história é assim: Lilo **nasce** numa fria manhã de junho...
- e) () Lilo **era** muito guloso quando era filhotinho.

4. Agora, marque as frases abaixo que estão no tempo verbal do **presente do indicativo**, mas que se referem a um futuro próximo:

- a) () Lilo **vai** ao veterinário hoje à tarde.
- b) () Lilo **continuará saindo** disfarçado todas as tardes.
- c) () Lilo **costuma** pegar presunto da mesa quando ninguém está olhando.
- d) () A mãe humana de Lilo **volta** das férias amanhã.
- e) () A família de Lilo **viaja** no próximo sábado.

5. Crie um miniconto usando o presente do indicativo como estratégia para criar suspense. Depois, compartilhe a história com os/as colegas. Seu professor ou sua professora pode ajudar a organizar essa atividade.

O **modo verbal** indica as **atitudes**, as **intenções** e os **juízos** de quem fala ou escreve. No sistema verbal do português, temos três modos verbais:

1.**Modo indicativo:** expressa algo que o falante entende como real, uma situação que ele compreende como certa.

Lilo **faz** muitas travessuras.

2.**Modo subjuntivo:** expressa algo que o falante entende como duvidoso, incerto, hipotético.

Lilo **faria** mais travessuras
se o **deixássemos** a sós em casa.

3.**Modo imperativo:** expressa o que o falante quer que outra pessoa faça, traduzido em forma de ordem, pedido, conselho, feitos diretamente ao interlocutor.

Lilo, **venha cá** imediatamente!

Os modos verbais indicativo e subjuntivo combinam-se com os tempos verbais para formar o sistema verbal do português, como é mostrado no quadro a seguir:

Modo indicativo	Exemplos	Modo subjuntivo	Exemplos
Presente	<i>Lilo come a ração.</i>	Presente	<i>Espero que Lilo coma a ração.</i>

Pretérito perfeito	<i>Lilo comeu toda a ração.</i>	Pretérito imperfeito	<i>Se Lilo comesse toda a ração, ganharia um passeio na praça.</i>
Pretérito imperfeito	<i>Lilo comia ração logo que acordava.</i>		
Pretérito mais-que-perfeito	<i>Quando a mãe humana chegou, viu que Lilo comera toda a ração.</i>		
Futuro do presente	<i>Lilo comerá esta ração.</i>	Futuro	<i>Quando Lilo comer toda a ração, ganhará um passeio na praça.</i>
Futuro do pretérito	<i>Lilo não comeria sua ração se ganhasse bolachas.</i>		

O modo imperativo não tem relação com o tempo, porque se supõe que ordens, pedidos, conselhos etc. ocorram no presente. O imperativo divide-se em afirmativo, como na frase *Lilo, coma esta ração!*, e negativo, como em *Lilo, não suba na mesa!*

EXERCÍCIO

1. Identifique em qual modo verbal se encontram as frases a seguir:

- Lilo **gosta** de petiscos sabor presunto.
- Lilo **pararia** de latir para o carteiro se ele **fosse** logo embora.
- Lilo **dorme** até a hora do café da manhã da família.

- d) Lilo sempre **sonha** que é um herói usando disfarce.
- e) Lilo, **saia** de cima da mesa!
- f) **Venha** aqui com a mamãe, Lilo.
- g) Se o Lilo **fosse** um gato, **seria** um gato travesso.
- h) Tomara que o Lilo **goste** deste petisco que eu comprei!

O aspecto verbal

O **aspecto verbal** indica a duração de uma ação ou processo. Ele expressa se a ação ou o processo foi concluída/o ou ainda está em andamento, se aconteceu num momento pontual ou se é/era algo habitual, que se repete ou repetia com frequência. Veja estes exemplos:

Lilo **ouviu** *dog-rock* a tarde inteira.

Lilo **ouvia** *dog-rock* a tarde inteira.

Na primeira frase, podemos entender que a situação retratada ocorreu em um dia específico do passado. Na segunda frase, podemos entender que se trata de uma ação habitual de Lilo, algo que ele costumava fazer no passado. A duração da ação é diferente nas duas frases.

Veja outros exemplos:

Lilo **começou a ouvir** *dog-rock* quando toda a família saiu de casa.

Lilo **estava ouvindo** *dog-rock* quando um miado lá fora chamou sua atenção.

Lilo **terminava de ouvir** uma música de sua banda favorita de *dog-rock* quando a família voltou para casa.

As frases representam situações em diferentes fases de seu desenvolvimento: a primeira das três frases retrata a ação no início de seu desenvolvimento, e a última, uma ação no final de seu desenrolar. Na segunda frase, a ação não está nem no início, nem no final, mas em algum ponto no decorrer de seu desenvolvimento.

Para compreendermos melhor como o aspecto verbal está retratado nas frases, vamos fazer os exercícios a seguir? É praticando que se aprende!

EXERCÍCIO

1. Leia as frases a seguir e relacione-as com as descrições que estão mais abaixo.
 - a) Lilo **passeou** pelo parque no domingo.
 - b) Lilo **passeava** pelo quarteirão sempre que ficava estressado.
 - c) Lilo **começou a latir** freneticamente ao ouvir o barulho.
 - d) Lilo ainda **está comendo** seu petisco.
 - e) Lilo **parou de latir** ao ouvir sua mãe humana chegando.
 - f) Lilo **abocanhou** o presunto que estava no prato sobre a mesa.
 - g) Lilo **está tentando subir** na mesa desde que sua mãe humana colocou as panquecas sobre ela.
 - h) Lilo **voltou a atacar** os gatos que pulavam o muro de sua casa.
- () A frase descreve apenas o início da ação. Não sabemos nada sobre a continuação ou o término da ação.

() A frase descreve uma ação que acontecia com frequência no passado, ou seja, ela se repetia. Não dá para saber quando começou e quando acabou cada ocorrência (isto é, cada vez que Lilo saía para passear).

() A frase descreve uma ação que ainda está em desenvolvimento. Não sabemos nada sobre quando iniciou ou quando terminará a ação.

() A frase descreve uma ação momentânea, que aconteceu apenas em determinado momento, em um curto espaço de tempo.

() A frase descreve apenas o fim da ação. Não sabemos nada sobre o início, nem sobre a duração da ação.

() A frase descreve uma ação que é contínua, ou seja, não é momentânea, e que ainda está em desenvolvimento. Trata-se de uma ação repetitiva, que começa e termina várias vezes antes que o sujeito consiga alcançar seu objetivo.

() A frase descreve uma ação que era continuada, mas foi interrompida e agora recomeçou.

() A frase descreve uma ação que foi totalmente concluída. Dá para entender que ela começou e terminou no mesmo dia.

2. Volte aos textos sobre Lilo, com a ajuda do(a) professor(a), e identifique os seguintes casos, se houver:

a) situações em andamento;

b) situações que estão no início de seu desenvolvimento;

c) situações que estão no final de seu desenvolvimento;

d) situações habituais;

- e) situações que se repetiram;
- f) situações que foram interrompidas e depois reiniciaram;
- g) situações que completaram seu desenvolvimento, isto é, que estão acabadas.

As pessoas do discurso

Os verbos também podem indicar as **pessoas do discurso**, ou seja, indicam quem são os sujeitos, os seres que praticaram a ação, ou que se beneficiaram dela, ou que passaram por determinado processo, ou que se encontram em determinado estado etc. Podemos identificar as pessoas do discurso pela terminação dos verbos.

As pessoas do discurso se classificam em: **primeira pessoa**, que se refere a quem fala ou ao grupo no qual a pessoa que fala está incluída; **segunda pessoa**, que se refere à pessoa ou ao grupo de pessoas com quem se fala; e **terceira pessoa**, que se refere a um ou mais seres (pessoas ou coisas) ou assuntos, sobre os quais se fala.

Essas pessoas do discurso devem ser consideradas como sujeitos dos verbos. O sujeito de um verbo pode ser um nome/substantivo ou um grupo de palavras com o nome/substantivo como núcleo, mas também pode ser representado por meio de pronomes. No português falado no Brasil, os pronomes são os seguintes:

Número	Pessoa do discurso	Pronome
SINGULAR	1ª pessoa: a pessoa que fala	EU
	2ª pessoa: a pessoa com quem se fala	TU (usado em determinadas partes do Brasil)

		VOCÊ (usado de forma mais geral no Brasil)
	3ª pessoa: a pessoa ou ser de quem se fala; o assunto	ELE / ELA
PLURAL	1ª pessoa: grupo no qual a pessoa que fala está incluída	NÓS
		A GENTE (é usado no lugar do nós , mas o verbo fica no singular)
	2ª pessoa: grupo a quem se fala	VÓS (pouco usado no Brasil; é usado em situações muito formais)
		VOCÊS
3ª pessoa: grupo de pessoas, objetos, seres de quem se fala	ELES / ELAS	

Não se esqueça de que alguns verbos não necessitam de sujeito, como os que indicam fenômeno da natureza. Nesse caso, o verbo adota a flexão da 3ª pessoa do singular. Exemplo: *Chove sem parar*.

Em muitas situações, não precisamos expressar o sujeito dos enunciados que produzimos, porque a forma do verbo e a situação de comunicação já deixam claro quem é o sujeito. Veja os exemplos:

- a) *Fomos ao parque com Lilo*: dá para saber que o sujeito que não aparece expresso na frase é **NÓS**, por causa da terminação do verbo;
- b) *Comi o presunto antes que Lilo o pegasse*: dá para saber que o sujeito que não aparece expresso na frase é **EU**, por causa da terminação do verbo;

c) *E aí, **gostou** do petisco, Lilo?*: dá para saber que o sujeito que não aparece expresso na frase é VOCÊ, por causa da terminação do verbo e também porque é uma pergunta direta para Lilo.

Observe que uma terminação verbal pode indicar mais de uma pessoa do discurso. Por exemplo, a forma verbal **BEBIA** pode se referir às seguintes pessoas do discurso:

- EU: *Eu **bebia** muito refrigerante, mas hoje não bebo mais.*
- VOCÊ: *Você **bebia** refrigerante quando era criança?*
- ELE / ELA: *Lilo (ele) **bebia** água gelada, você acredita?*
- A GENTE: *A gente **bebia** muito suco de laranja quando visitava a vovó.*

Muitas vezes, podemos dispensar o pronome na frase, e mesmo assim, ainda sabemos qual é a pessoa do discurso que é sujeito do verbo.

Agora, vamos fazer alguns exercícios?

EXERCÍCIOS

1. Analise as partes finais das frases a seguir e identifique a qual pessoa do discurso os verbos se referem. Lembre-se de que uma terminação verbal pode indicar mais de uma pessoa do discurso, então coloque todas as possibilidades no espaço do sujeito da frase.

- a) _____ **queremos** passear com o Lilo no parque.

- b) _____ **vai** dar comida para o Lilo?
- c) _____ **gostaria** de brincar com o Lilo.
- d) _____ **descobriram** a identidade secreta do Lilo.
- e) _____ **queres** ter um animalzinho de estimação como o Lilo?
- f) _____ **acompanhastes** este cãozinho em sua consulta o veterinário, senhores?

2. Quais frases acima pode ficar sem sujeito expreso que ainda assim conseguimos saber de quem se trata?

Verbo: forma e sentido

O verbo tem uma forma **infinitiva**, que é quando ele termina em *-ar*, *-er* e *-ir*. Há um caso em que o verbo no infinitivo termina em *-or*, que é o verbo *pôr* e derivados desse verbo (*impor, depor, contrapor, repor, compor...*).

Os verbos pertencem a três conjugações, a depender das terminações do infinitivo:

1ª conjugação: verbos terminados em **-ar**, como *amar, brincar, lavar, arrumar* etc.

2ª conjugação: verbos terminados em **-er**, como *correr, comer, beber, ler* etc. Também os verbos *pôr* e seus derivados pertencem a esta conjugação (veja no quadro abaixo).

3ª conjugação: verbos terminados em **-ir**, como *dormir, sair, proibir, sentir* etc.

Você sabia que as palavras não foram sempre assim como as conhecemos hoje? Elas têm história, e muitas delas eram escritas e faladas de forma diferente. Isso se chama **mudança linguística**, e ocorre com todas as línguas vivas, isto é, as línguas que têm falantes nativos. Esse é o caso do verbo **pôr** e seus derivados, que terminam em **-or** (*propor, depor, transpor, repor* etc.). No passado, o verbo **pôr** era escrito e falado **poer**, mas, com o tempo, ele perdeu a vogal **e**. É por causa dessa característica que esses verbos fazem parte da 2ª conjugação.

Para poder exprimir as características de tempo, modo, aspecto e pessoa do discurso, os verbos **flexionam-se**, ou seja, modificam-se para expressar essas características. Isso se chama **flexão**. O verbo CORRER, por exemplo, pode assumir diversas formas, a depender do que queremos expressar: *corri, correu, correremos, correram, correrá, correrão, correria, corriam, corressem, correríamos* e muitas outras. Você percebeu, nesses exemplos, que é só uma parte do verbo que muda? Precisamos entender que o verbo é uma palavra formada por unidades mínimas (pedacinhos das palavras) que têm significado. São elas:

- **Morfema lexical** (também chamado de **radical**), que carrega a significação referente às noções gerais do mundo (designação de seres, ações, conceitos abstratos etc.).
- **Morfemas gramaticais**, que são aqueles pedacinhos das palavras que se flexionam, ou seja, que mudam para indicar, respectivamente: 1) tempo, modo e, por vezes, aspecto; 2) número e pessoa.

Vamos analisar os pedacinhos do verbo que está no exemplo?

Os adultos LIMPAVAM a casa com frequência

- **LIMP-** é o morfema lexical, que indica a ação de retirar sujeira de determinado ser, objeto, ambiente etc.
- **-A** é vogal temática da primeira conjugação, que termina em -ar (cantar).
- **-VA-** é o morfema gramatical de tempo, modo e aspecto, que indica que a ação ocorreu no passado e que o tempo de duração não foi tão pontual quanto seria em *Os adultos limpavam a casa naquele feriado*. Ou seja, essa

partezinha *-ava-* indica que era uma ação habitual, uma ação que acontecia com alguma frequência.

- **-M** é o morfema gramatical de número e pessoa, que indica a terceira pessoa do plural, que, no caso, são OS ADULTOS (eles). Ou seja, essa partezinha final do verbo indica o assunto, os serem que agem.

É no **morfema lexical** que se concentra o **significado principal do verbo**. Aqui, é importante saber que a maioria dos verbos têm embutido em si um significado claro. São geralmente os que exprimem ação, existência, desejo. Se você pensar nos verbos *correr, cantar, pular, estudar, comer, dormir, procurar*, e muitos outros que fazem parte de nosso dia a dia, por exemplo, verá que cada um deles expressa um conteúdo próprio, ou seja, eles por si sós dão ideia do que se trata. Quando se fala em DORMIR, podemos elaborar em nossa cabeça a ideia de dormir. Esses verbos são chamados de **nocionais**, porque carregam em si, especialmente no morfema lexical, um significado. Mas há outros verbos que geralmente não têm um conteúdo específico em si mesmo: eles dependem de outros elementos na frase para completar seu significado. São os que exprimem estado ou mudança de estado, modo, sentimento etc. Eles são chamados de **verbos de ligação**. Veja os exemplos:

Lilo é um cãozinho muito amado.

Lilo **permanece** sentado enquanto espera seu irmão humano chegar da escola.

É claro que existe um sentido básico que pode ser atribuído ao verbo de ligação também. Por exemplo, PERMANECER dá ideia de algo que não se modifica, que fica estabilizado durante certo tempo. Porém, ele precisa de complemento para indicar qual característica ou estado não se modificou.

Agora, vamos fazer alguns exercícios sobre o que vimos nesta unidade, até aqui?

EXERCÍCIOS

1. Analise cada grupo de formas verbais e descubra qual é o morfema lexical ou radical.

a) ANDAR: andava, andei, andaremos, andou, andasse, andes.

b) VARRER: varriam, varremos, varrerá, varresse, varra, varreríamos.

c) SUMIR: sumirão, sumiram, suma, sumíssemos, sumo, sumiria.

2. Analise os grupos de verbos a seguir. Quatro dos cinco verbos de cada grupo contêm os mesmos morfemas gramaticais (vogal temática e desinências modo-temporais e número-pessoais). Risque o verbo que contém diferença em um dos morfemas.

a) cantamos – pensamos – perdemos – assinalamos – oramos

b) lavei – usei – escovei – andei – comi

c) dormiram – saíram – ouvirão – partiram – sumiram

d) perdeu – abriu – venceu – torceu – entendeu

e) sacudiam – escrevem – entendem – enchem – fervem

O verbo no comando dos elementos da cena

Os verbos também indicam, basicamente, o perfil dos **seres**, **coisas**, **atitudes** ou **circunstâncias** que aparecem nas frases. Veja estes exemplos:

O aluno entregou o caderno para o professor nesta manhã.
 SER COISA SER CIRCUNSTÂNCIA

O professor agradeceu aos alunos a manifestação.
 SER SER ATITUDE

Agora, vamos analisar o exemplo a seguir.

Lilo **recebeu** um convite do Grupo Dog-Rock Lunar.

Na frase, podemos ver que há vários elementos que complementam o verbo RECEBER:

Lilo	RECEBEU	um convite	do Grupo Dog-Rock Lunar.
destinatário	VERBO	objeto (neste caso, uma mensagem) repassado por alguém	ser que enviou o objeto

O verbo RECEBER precisa ter um sujeito que é o **destinatário** da ação. No caso da frase acima, Lilo, que é o destinatário, recebe o convite. Já imaginou como é ganhar um convite de seu ídolo? Bem, o verbo RECEBER também precisa de um objeto, isto é, quem recebe, recebe **ALGUMA COISA**, não é? E para alguém receber alguma coisa, outro alguém tem que **DAR** essa coisa. Então, alguém recebe alguma coisa de outro alguém.

Outras vezes, o sujeito é o **experienciador** ou **paciente** da ação. Veja estes exemplos:

O Mano esqueceu-se de alimentar o Lilo. O cãozinho **entristeceu**.

O verbo ENTRISTECER, no caso do exemplo, requer um sujeito que **experimenta** o processo de ficar triste. Neste caso, o verbo não tem um objeto, mas em outro exemplo, o paciente ou experimentador da ação pode ser objeto, e o sujeito passa a ser um agente, um ser ou circunstância que age sobre o objeto. Veja este exemplo:

A cena da briga **entristeceu** Lilo.

Nesse caso, quem experiencia o processo é o objeto do verbo (Lilo), e quem causa a tristeza em Lilo é a cena da briga, que é o sujeito/**agente** do verbo ENTRISTECER.

Já vimos que, nos casos em que o sujeito é um **paciente**, **experienciador** ou **beneficiário**, o verbo indica processo. O sujeito é sempre afetado pelo processo. No

<p>complementos verbais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Minha mãe comprou ração vegana. (Sujeito: MINHA MÃE; Objeto direto: RAÇÃO VEGANA) • Lilo estudou todo o conteúdo. (Sujeito: LILO; Objeto direto: TODO O CONTEÚDO) • Lilo procurou o caderno. (Sujeito: LILO; Objeto direto: O CADERNO)
<p>Verbos que requerem três complementos verbais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O irmão humano deu um livro ao Lilo. (Sujeito: O IRMÃO HUMANO; Objeto direto: UM LIVRO; Objeto indireto: AO LILO) • Lilo ofertou solidariedade aos amigos alienígenas. (Sujeito: LILO; Objeto direto: SOLIDARIEDADE; Objeto indireto: AOS AMIGOS ALIENÍGENAS) • Um livro foi dado ao colégio pela mãe humana. (Sujeito: UM LIVRO; Objeto indireto: AO COLÉGIO; Agente da passiva: PELA MÃE HUMANA) • Lilo explicou a situação para a mãe humana. (Sujeito: LILO; Objeto direto: A SITUAÇÃO; Objeto indireto: PARA A MÃE HUMANA)
<p>Verbos que requerem quatro complementos verbais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ela traduziu o texto do português para o doguês. (Sujeito: ELA; Objeto direto: O TEXTO; Objetos indiretos: DO PORTUGUÊS / PARA O DOGUÊS) • A empresa transportou a ração vegana de São Paulo para Cascavel. (Sujeito: A EMPRESA; Objeto direto: A RAÇÃO VEGANA; Objetos indiretos: DE SÃO PAULO / PARA CASCATEL)

O que vai determinar quantos complementos o verbo terá é o **significado do verbo**, e em conformidade com os objetivos de quem fala ou escreve o texto, que escolhe o que vai representar na **cena**, isto é, na **frase**.

O verbo pode indicar **início**, **meio** e **fim** de um evento ou processo, e ainda indicar **circunstâncias** em que esses ocorrem. Vamos ver um exemplo?

O alienígena	CONFERIU	com muito zelo	todos os documentos.
ser que agiu	VERBO	o modo como agiu	ser afetado pela ação

Na frase acima, o verbo CONFERIU rege os elementos que estão sublinhados. Esse verbo comporta, portanto, espaço para dois elementos diretamente vinculados a ele:

a) um sujeito/agente – *O alienígena* –, que concorda em número e pessoa com o verbo;

b) um complemento verbal/objeto – *todos os documentos* –, sem preposição;

E o elemento *com muito zelo*, não é complemento verbal? Veja bem que o verbo CONFERIR, se pensarmos em seu significado, não requer o modo; ou seja, a maneira como alguém confere algo não é parte obrigatória de uma frase com esse verbo. Então, *com muito zelo* não é complemento verbal, pois não está diretamente vinculado ao sentido embutido no verbo. O modo pode ser expresso na frase, mas não é obrigatório.

Agora, vamos analisar outra frase que expressa o modo como a ação do verbo:

Lilo **comportou-se** com muito zelo.

Quem se comporta, comporta-se de alguma forma: comporta-se mal, bem, de um jeito tal etc. O modo faz parte do sentido do verbo.

Vamos analisar mais duas frases:

O Mano **estuda** em Cascavel.

Ele **mora** no Paraná.

Nas duas frases, há indicação de local, mas somente na última o local está diretamente vinculado ao sentido do verbo *morar*.

EXERCÍCIOS

1. Sente-se com um(a) coleguinha e, juntos, escrevam frases bem criativas com os verbos abaixo. Pense quantos complementos cada um deles requer e anote ao lado das frases que vocês criaram. Depois, com a ajuda do(a) professor(a), compartilhe suas frases e discuta sobre os complementos.

- a) PINTAR
- b) TROVEJAR
- c) ALIMENTAR
- d) COÇAR
- e) ESCREVER
- f) DAR

g) DESENHAR

h) REPARTIR

i) ANOITECER

2. Analise as frases a seguir e identifique se as partes sublinhadas indicam tempo, modo, lugar, destino ou instrumento. Depois, marque com um X os casos em que essas partes são complementos obrigatórios do verbo.

a) Esta manhã, o Lilo **acordou** mais sapeca que nunca!

()

b) Lilo **comia** sua ração lentamente. ()

c) A mãe humana **fazia** vitamina com um *mixer*. ()

d) Lilo **mora** em uma casa muito confortável. ()

e) O irmão humano do Lilo **vai** para Recife. ()

f) Lilo **matou** o pernilongo com uma patada. ()

Valor semântico do verbo

O verbo cria uma trama que pode incorporar *quem fez, com quem aconteceu, o que causou, o que aconteceu, o que foi envolvido no acontecimento* etc. O morfema lexical do verbo (aquele pedacinho do verbo que carrega o significado principal, lembra?) proporciona para os complementos valores semânticos, isto é, significados que são importantes para a constituição do sentido geral do enunciado.

Sendo assim, os elementos que estão vinculados ao verbo surgem da expectativa de quem fala ou de quem escreve o texto. Se o Lilo quiser repassar a versão de uma história de que tenha participado e queira se passar de vítima, obviamente os verbos e os termos que estarão relacionados com o verbo serão escolhidos por ele para atingir esse objetivo.

Agora, veja o que o Lilo está aprontando. Depois, responda às perguntas do exercício.

Lilo, o reclamo

Aparecida Feola Sella

Uma vez era bem tarde. E o meu irmão humano havia deixado seu fone de ouvido bem na pontinha da mesa. Oras, bolas! Bem na pontinha da mesa! E eu nem havia notado até então. De repente, me deu um tédio, e naquele giro pela casa, percebi que eu podia alcançar aquele fone de ouvido. Azar

dele, pois eu consegui pegar o benditinho! Que satisfação!
Nhec, nhec!

– Lilo, Lilo! Que saudade! Tudo bem, meu *brother*?

Ixe! Lá vem ele. Poxa! Vou fazer de conta que estou dormindo.

– Mas, eu não acredito nisso! Nossa! Mãe, veja isto aqui!
Nossa! O que aconteceu?

EXERCÍCIOS

1. Agora, vamos para as perguntas:
 - a) O Lilo é culpado pelo ocorrido?
 - b) Há uma relação de causa e consequência?
 - c) Quem provocou essa relação?
 - d) O Lilo sabia o que estava fazendo?
 - e) Qual foi a reação dele?
2. Tente finalizar essa história. Você pode optar por contar na perspectiva do Lilo, da mãe e do irmão.

O morfema lexical do verbo possibilita selecionar como complementos seres com determinadas características semânticas, isto é, de sentido, o que é importante para a constituição do sentido geral da frase. Por exemplo, às vezes, o verbo requer um complemento que é a instigação da ação, processo ou estado, como nesta frase:

Lilo BRINCOU com seu amigo alienígena.

Outras vezes, é a causa da ação, processo ou estado, como nesta frase:

A **virose** GEROU isolamento social naquela aldeia.

Às vezes, o verbo requer como um dos complementos um ser inanimado que se torna auxiliar para o desenvolvimento da ação ou do processo:

A **faca** CORTOU o bolo.

Outras vezes, ainda, o verbo indica como complemento um ser que vivencia os reflexos da ação de verbos que expressam eventos psicológicos.

Lilo SE ARREPENDEU.

Esses são apenas alguns exemplos das características dos seres que atuam como complementos de determinados verbos. Há também os elementos circunstanciais, que indicam o modo, o tempo e o local relacionados ao desenvolvimento da ação, a quantidade e a qualidade relacionada aos seres etc.

EXERCÍCIOS

1. Analise as frases apresentadas e relacione-as com as alternativas que descrevem a característica do complemento (em negrito) requerido pelo verbo:

- a) O prato FOI QUEBRADO **pelo Lilo**.
- b) **O vento** DERRUBOU o arbusto.
- c) **O carro** TRANSPORTOU as caixas.
- d) **As bolachas** FICARAM ótimas.
- e) A mãe do Lilo PREPAROU **o jantar**.

f) **Lilo** TEME os marcianos.

g) **Lilo** RECEBEU uma carta.

() Ser (animado ou inanimado) que é exposto a uma apreciação.

() Ser inanimado que auxilia na ação verbal.

() Ser para o qual se destina a ação.

() Ser que é a causa da ação (ser que provoca a ação verbal).

() Ser que é a origem da ação.

() Ser que vivencia os reflexos da ação de verbos que expressam eventos psicológicos.

() Ser resultante da ação expressa pelo verbo.

2. Faça o mesmo, agora com os elementos circunstanciais.

a) O marciano TRATOU Lilo **com cautela**.

b) A festa FOI MARCADA **para amanhã**.

c) A mãe do Lilo PASSOU dois dias **no aeroporto**.

d) A mãe do Lilo FICOU **furiosa**.

e) O pacote de bolacha PESA **dois quilos**.

f) Lilo SENTE **saudades do bolo**.

() Modo como foi desenvolvida a ação verbal.

() Tempo em que determinada ação se desenvolverá.

() Local em que determinada ação é desenvolvida.

() Qualidade atribuída ao ser.

() Quantidade inerente ao ser.

() Sentimentos e sensações do ser que experiencia a ação verbal.

Vamos praticar?

Agora, vamos colocar em prática um pouco do que aprendemos? Leia os textos a seguir.

Lilo e o Senhor Antúrio

Aparecida Feola Sella

Ontem, minha mãe humana **trouxe** mais um ser vivo para casa. Trata-se de um antúrio. Que nome! Lembra anta, antes, mercúrio. Ah! Minha mãe **colocou** o antúrio perto da janela e disse que ele precisava de sol. Bom, o problema não é meu.

À tarde, eu **ouvi** uma fala muito estranha e lembrei-me de que a turminha estava fora de casa.

– Ei, cachorro!

Aí eu pensei:

– Espera aí... Estão falando comigo? Bem na hora da soneca! Bom, sempre é hora da soneca. Então, sempre **será** a hora, he he he!

– Ei! Auau!

Pensei de novo:

– Estão falando comigo por meio de onomatopeias? Mas, quem é? Será que **estou sonhando?**

Fui **dar uma volta** pela casa e não vi ninguém, quer dizer, nenhum humano. Devo estar sonhando. Voltei para minha caminha.

– Seria QuawQuaw ou BauBau? Ei, doguinho! Ei, animal de estimação!

Comecei a ficar intrigado. Aliás, intrigado eu já estava desde o início. Minha curiosidade só foi aumentando. Então, eu perguntei:

– Mas, quem está falando?

– Sou eu, **disse** o dono da voz.

– Eu, quem?

– O Senhor Antúrio.

– Nossa! Antúrio fala?

– Nossa! Cachorro fala?

Pensei comigo:

– Mas que cara mais debochado!

Na verdade, com essa conversa estranha, eu fiquei em alerta máximo de cachorro. E comecei a latir. Depois, **pensei** bem e achei melhor conversar.

– Cachorrinho, qual é seu nome? Faz muito tempo que você enfeita esta casa?

– Eu não sou enfeite, Senhor Antúrio! De onde você **veio**?

– Eu fui um presente para a senhora que mora aqui. Eu estava em uma floricultura. E estou agora com saudades das minhas amigas enfeitantes dessa floricultura, que nós, enfeitos, chamamos de florasa (uma floricultura que é nossa casa).

– Jura? Então, como era a vida lá?

– Era muito legal. Nós **conversávamos** o dia todo. E torcíamos para ninguém nos comprar. Havia uma linda orquídea, que foi comprada há alguns meses. Ela era muito querida. Ficamos com saudades. Agora, sou eu que deixo saudades na florasa.



A Orquídea e o Antúrio. Arte de Lohana Civiero.

Lilo, e agora?

Aparecida Feola Sella

O Senhor Antúrio **disse** que não acredita em extraterrestres. Mas acredita na amizade. Lilo **disse** que uma coisa não está relacionada com a outra. Lilo **explicou** que o universo é tão extenso! E que, por isso, deveria haver vida inteligente em outras galáxias. O Senhor Antúrio **acha** a tese do Lilo uma alucinação. Lilo **entendeu** o posicionamento do Senhor Antúrio. Afinal, ele é um

antúrio. E Lilo **pensou**: “Onde está localizado o cérebro do Senhor Antúrio?” Mas **achou** que não era da conta dele. E foi dormir. De repente, Lilo ouviu um barulho. Era o Senhor Antúrio. Ele estava conversando com uma das orquídeas da mãe, que estava há algum tempo na casa. Ela **disse** bem baixinho: “Você não vai contar que somos alienígenas?”

As cenas postas no texto acima podem ser verificadas a partir dos verbos e das relações destes com os demais elementos que aparecem em função dos verbos. Na progressão textual, os verbos estão inter-relacionados, e o produtor do texto, ao selecionar o verbo, conduz a interpretação que ele quer que o leitor tenha, conforme os padrões mais gerais do gênero em que o texto está escrito. Os verbos regulam as microestruturas do texto, que formam enunciados, e esses enunciados vão sendo alinhavados para formar o texto.

EXERCÍCIOS

1. Com a ajuda de seu/sua professor/a, verifique os sentidos dos verbos **negritados** nos textos e as conseqüências dos sentidos desses verbos para as personagens envolvidas.
2. Qual é o foco narrativo em cada um dos textos? Indique os verbos que demonstram esse perfil do narrador em cada texto.

Parte 3

VERBO: REFLEXÕES TEÓRICAS

Verbo: ações, processos, estados e fenômenos da natureza

É comum, na tradição gramatical, definir que verbo é a classe de palavras que indica ação, processo, estado e fenômenos da natureza. Quando se ensina o conteúdo “verbo”, é importante que os alunos compreendam esses conceitos.

- **AÇÃO:** Trata-se de uma *atividade* realizada por um sujeito **agente**, isto é, um sujeito que *age*, que *faz* algo, que tem traços de *atividade*.
- **PROCESSO:** Trata-se de *evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito* **paciente, experimentador** ou **beneficiário**; ou seja, expressa algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta ou recebe. Pode indicar também *mudança de estado*. É um verbo dinâmico, que apresenta um sujeito afetado por algo que está fora dele.
- **ESTADO:** Trata-se de *qualidade permanente ou temporária* de determinado ser; ou seja, o verbo liga uma característica ao sujeito e pode indicar condição, existência e posse. É um *verbo não dinâmico*, já que os envolvidos no processo verbal não sofrem qualquer alteração.
- **FENÔMENOS DA NATUREZA:** Trata-se de algo que ocorre na natureza; portanto, esses verbos são impessoais, isto é, não têm sujeito.

Contudo, adotar exclusivamente o critério semântico não é suficiente para identificar ou classificar o verbo. Uma definição como “verbo é a palavra ou expressão que indica ação, processo, estado e fenômeno da natureza” pode gerar uma compreensão equivocada. Por exemplo: *pesca* (como em *pesca esportiva*) designa uma ação, mas não é verbo; *tempestade* designa fenômeno da natureza, mas não é verbo. Assim, é preciso vincular essa definição de verbo à noção de tempo, modo, aspecto e pessoa, o que implica a possibilidade de flexão. É importante lidar com uma definição que combine os critérios semânticos e morfossintáticos.

Tempo, modo e aspecto verbal

O **tempo verbal** é uma categoria morfosintática que localiza ação verbal em uma **perspectiva temporal**, mas não necessariamente em um tempo físico, cronológico:

Mais tipicamente, os “tempos verbais” localizam os estados de coisas como simultâneos, anteriores ou posteriores ao momento de fala, ou a algum momento (diferente do momento de fala) ao qual o contexto linguístico deu saliência. Por isso, costuma-se dizer que o tempo (enquanto informação prestada pelos morfemas “de tempo” do verbo) é uma informação tipicamente *dêitica* (ou seja, uma informação que toma por base a enunciação), ou então uma informação *anafórica* (que se torna exata quando tomamos por base informações presentes no mesmo tempo) (ILARI; BASSO, 2014, p. 67-68).

Embora concebamos o tempo, na perspectiva cronológica, basicamente em termos de presente, passado e futuro, são diversas as formas gramaticais que o verbo assume para indicar o tempo verbal, em português. Por exemplo, para referência a ações, eventos, processos situados no passado, usa-se o *pretérito perfeito*, para descrever situações que ocorreram pontualmente no tempo, ou o *pretérito imperfeito*, para falar de uma situação habitual ou que teve certa duração.

Outro aspecto importante a ser considerado, especialmente no ensino, é que o tempo verbal não

necessariamente condiz com o tempo cronológico¹. Isso é evidente no presente do indicativo, que, apesar da designação “presente”, não representa exatamente o tempo cronológico presente, isto é, não descreve algo que acontece no momento em que o falante usa esse tempo verbal, seja na fala, seja na escrita. O locutor pode referir-se a:

- **situações atemporais**, isto é, não relacionadas a um tempo definido: verdade universal, ações costumeiras, como em *O sol nasce no Leste* ou *O carteiro passa às quintas-feiras*;

- **presente histórico**: uso do presente (sempre acompanhado de adjuntos adverbiais de tempo) para descrever fatos do passado, como em *Em 15 de novembro de 1889, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca institui a república no Brasil*;

- **futuro próximo**: uso do presente (sempre acompanhado de adjuntos adverbiais de tempo para evitar ambiguidade) para falar de situações planejadas/certas a ocorrerem em breve, como em *Viajo amanhã para Curitiba e retorno na sexta-feira*.

O tempo verbal também pode orientar o ouvinte ou leitor sobre a situação comunicativa em que determinado enunciado é realizado, o que está vinculado a determinada tipologia textual e respectivo gênero discursivo. Assim, em um relato, seria de esperar que o pretérito perfeito aparecesse (*Ela encontrou um cachorrinho abandonado na rua de sua casa.*), e na argumentação, o presente (*Este artigo representa a primeira iniciativa da equipe de pesquisadores de Londres.*).

¹ Veja-se, por exemplo, *Função dos tempos verbais*, de Gouvêa (s.d.).

Isso reforça o entendimento de que o verbo marca mais do que o tempo cronológico, pois serve para organizar instâncias textuais nos diferentes gêneros.

O **modo verbal**, por sua vez, relaciona-se com as **atitudes do enunciador**; ou seja, por meio do modo verbal escolhido, quem fala ou escreve expressa posições, intenções e juízos de valores diante daquilo que é falado ou escrito. Por meio de desinências do verbo, é possível

[...] *obter informações de caráter modal*, ou seja, informações que se referem ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos. Certos usos do subjuntivo indicam claramente que o estado de coisas descrito pertence a um mundo diferente do mundo real (*Se eu fosse presidente da República, haveria um feriado por semana* – é claro que estou falando num mundo imaginário); o uso do indicativo (*Sou presidente da República, há um feriado por semana*) permitiria descrever as mesmas situações, referindo-se ao mundo em que vivemos, e dando-lhes um caráter de afirmação categórica (ILARI; BASSO, 2014, p. 69).

Os três modos do sistema verbal do português são: 1) o **indicativo**, empregado quando o enunciador concebe a ação verbal como real, verossímil, como em *Passei no concurso para professor universitário*; 2) o **subjuntivo**, empregado quando a atitude do enunciador revela conteúdos emocionais que expressam ideias de dúvida ou incerteza, como em *Se eu passasse no concurso para professor universitário, poderia me dedicar mais à*

pesquisa; e 3) o **imperativo**, empregado quando a atitude do enunciador exprime ideia de ordem, pedido, recomendação etc., de forma direta, como em *Estude este material para passar no concurso*. Esses modos (especificamente o indicativo e o subjuntivo) combinam-se com o tempo verbal para formar o paradigma verbal do português: a) modo indicativo: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito; e b) modo subjuntivo: presente, pretérito imperfeito, futuro. O modo imperativo não se vincula a um tempo, pois a ação verbal está situada no exato momento em que a frase é enunciada.

Por fim, o **aspecto verbal** está relacionado com a duração da ação verbal e indica se ela é considerada como concluída ou não. Nas ações e processos concluídos, o aspecto verbal indica o ponto determinado no tempo em que a ação ocorreu e destaca seu início, desenvolvimento ou fim; em ações não concluídas, indica se a ação ocorre de forma frequente e repetitiva. Travaglia (2014) apresenta três pontos de vista diferentes das fases da ação verbal:

- a. o do *desenvolvimento da situação*, o que nos dá três fases: início, meio e fim; b. o do *completamento da situação*, o que nos dá duas fases: a da situação incompleta e da situação completa; c. o da *realização da situação*, o que nos dá três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não acabada e a da situação acabada (TRAVAGLIA, 2014, p. 43).

Segundo Travaglia (2014), tanto o tempo verbal quanto o aspecto verbal são categorias de tempo no sentido mais genérico, abstrato, pois o aspecto “[...] indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização” (TRAVAGLIA, 2014, p. 42). Entretanto, as duas categorias – tempo verbal e aspecto verbal – não se confundem, pois o tempo verbal é uma categoria dêitica, já que situa o momento de ocorrência da situação retratada como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) à situação de enunciação; a categoria de aspecto, por sua vez, não é dêitica, pois se refere à temporalidade interna do enunciado (sua duração).

De forma geral, os diferentes aspectos verbais podem ser classificados como mostra o Quadro 1. Os exemplos, extraídos de Travaglia (2014), mostram que o aspecto pode ser expresso por meio de diferentes tempos verbais. Em alguns casos, o próprio conteúdo lexical dos verbos expressa a duração ou as fases da situação, mas, em outros, a noção aspectual se manifesta com o auxílio de adjuntos adverbiais e/ou do conteúdo lexical de outros elementos do enunciado. Por exemplo, Travaglia (2014) afirma que o aspecto imperfeito seleciona adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo determinados e/ou completos, enquanto o imperfeito aceita adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos.

Quadro 1 – Quadro aspectual do português

Aspecto	Descrição	Exemplos
PERFECTIVO	Apresenta a ação como totalmente concluída, isto é, em sua totalidade.	<i>Antônio ouviu música o dia todo.</i> <i>Maria ficou olhando as fotos durante várias horas.</i> <i>Eu estive doente, por isso faltei a duas aulas.</i>
IMPERFECTIVO	Apresenta a ação como incompleta, isto é, em uma das fases do processo.	<i>A mistura ia endurecendo lentamente.</i> <i>A festa terminava quando ele saiu.</i> <i>Seus atos vêm escandalizando a todos.</i>
PONTUAL	Apresenta uma ação realizada no momento específico, isto é, sua duração não é marcada linguisticamente.	<i>Caxias ataca o inimigo e vence-o.</i> <i>Achei seu anel dentro da gaveta do criado.</i> <i>Maria conversou comigo às nove horas.</i>
DURATIVO	Apresenta a situação como tendo duração contínua limitada.	<i>João ficará atendendo as pessoas.</i> <i>Ele estava nadando desde as 6 horas da manhã.</i>

		<i>O treinador do time esteve doente.</i>
INCEPTIVO (OU INCOATIVO)	Apresenta a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos.	<i>Os marceneiros estão começando a armar o telhado. Daniel princiPIava a arrumar a mala quando cheguei em sua casa hoje de manhã. José começou a falar na segunda aula.</i>
CURSIVO (OU PERMANSIVO)	Apresenta a situação em desenvolvimento, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos.	<i>A valente tropa fraquejava. José lia um romance quando sua irmã chegou. O presidente estava falando desde as cinco horas.</i>
TERMINATIVO	Apresenta a situação em seus últimos momentos ou em seu momento de término.	<i>Rita terminou de limpar a casa às 11 horas. Espere um momento que estou acabando de arrematar seu vestido. Raquel terminava de escrever a carta</i>

		<i>quando o telefone tocou.</i>
ITERATIVO	Apresenta a situação como tendo duração descontínua limitada.	<i>Ela me acenou várias vezes. As crianças ora choravam, ora brincavam. Aquele velho anda cuspinhando em toda a casa.</i>
HABITUAL	Apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada.	<i>Embora Valdete viva caminhando pelo bosque, não conhece todos os seus recantos. Ele usava fumar após as refeições. Se fica sem dormir ela adoece.</i>
INDETERMINADO	Apresenta a situação como tendo duração contínua ilimitada.	<i>Eu trabalho em uma loja de peças. Os ângulos internos do triângulo somam 180 graus. A onça ataca, quando está faminta.</i>
NÃO COMEÇADO	Apresenta a situação na fase anterior ao início de sua realização (algo por começar).	<i>Pedro está para emoldurar o quadro. Este livro ficou por ler, pois não tive tempo. A cozinha está por limpar.</i>

NÃO ACABADO OU COMEÇADO	Apresenta a situação já em realização, ou seja, após seu momento de início e antes de seu momento de término.	<i>Os rapazes continuam jogando apesar da chuva. Estou lendo um livro interessante. José está doente.</i>
ACABADO	Apresenta a situação após seu momento de término, portanto como concluída, acabada, terminada.	<i>Quando eles voltarem, já tere preparado o lanche. O pobre animal morreu pouco a pouco. A menina esteve balançando lá fora por muito tempo.</i>
NÃO ASPECTO	Não há referência à duração ou às fases da situação.	<i>Você tem de prestar atenção. Hei de passar no concurso. Posso servir o jantar?</i>

Fonte: Elaboração das autoras, com base em Travaglia (2014).

Além disso, deve-se considerar a sobreposição de aspectos em um enunciado. Os aspectos compostos são caracterizados por mais de uma noção aspectual, conforme exemplificam estes exemplos de Castilho (1967), apresentados por Travaglia (2014):

- a) *Na sua voz irradiante **começou** logo **a contar** uma complicada história familiar, atravessada de traições, de direitos e de deveres.* (imperfectivo inceptivo);

- b) O patrão, que era um homem que gostava de fazer brincadeiras brutas, **pensou, pensou, pensou** e depois mandou recolher os pedintes. (imperfectivo cursivo)
- c) Dioclécio **foi transformando** Antônio Bento, descobrindo para o criado do padre um mundo novo. (imperfectivo cursivo progressivo);
- d) Só de ouvir dizer, porque, como **acabo de contar**, nunca os vira juntos. (imperfectivo terminativo);
- e) Dr. Borges de Medeiros **acaba de reconhecer** a vitória do Dr. Júlio Prestes. (perfectivo pontual).

O aspecto verbal não é um conteúdo tradicionalmente explorado em gramáticas e materiais didáticos, mas o professor pode explorar a noção aspectual quando estiver trabalhando com textos (leitura e produção), especialmente com relação à tipologia narrativa. Ressalta-se que considerar a noção aspectual no ensino não significa promover a memorização de nomenclatura, mas, antes, analisar os efeitos de sentido do aspecto verbal nos enunciados. Pode-se trabalhar com oposições: perfectivo x imperfectivo, pontual x durativo, inceptivo x cursivo x terminativo etc. Pode-se simular outras formas de dizer a mesma coisa, mantendo-se o aspecto verbal pretendido, ou, por outro lado, testar mudanças de redação que incidam sobre a mudança de aspecto verbal.

As pessoas do discurso

A descrição gramatical do verbo requer que se considere a categoria de **pessoa**, que se refere à **relação do falante com o ouvinte e o assunto**. Ilari e Basso (2014, p. 66-67) ressaltam que, em essência, trata-se de “uma categoria dêitica, que responde pela tarefa de identificar os participantes referidos na sentença com base nos papéis que eles assumem na enunciação em curso”. Esses autores apresentam as possibilidades de expressar a categoria de pessoa:

Dizemos que uma expressão linguística está:

- i) na primeira pessoa quando é usada pelo indivíduo que atua como locutor para falar desse mesmo indivíduo (a autorreferência é uma característica essencial da primeira pessoa);
- ii) na segunda pessoa, quando é usada, num determinado ato de fala, para fazer referência ao alocutário daquele ato de fala;
- iii) na terceira pessoa quando aponta para entidades que, no mesmo ato de fala, não desempenham nem o papel de locutor nem o de alocutário (ILARI; BASSO, 2014, p. 67).

Vinculada à categoria de pessoa, está o **número**, que define se há um ou mais entidades participantes do discurso. A pessoa do discurso e o número são marcados no verbo por meio da desinência número-pessoal. Considerando pessoa e número, temos o seguinte

panorama no português brasileiro², segundo Azeredo (2014):

- a) o indivíduo que fala – primeira pessoa do singular (*eu*),
- b) o conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui – primeira pessoa do plural (*nós / a gente*),
- c) o indivíduo ou indivíduos a que o *eu* se dirige – segunda pessoa, do singular ou plural (*tu / vós, você / vocês*), e
- d) o indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere – terceira pessoa do singular ou do plural (*ele / eles*) (AZEREDO, 2014, p. 175).

A entrada do *você* e do *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro repercute nas formas verbais, pois amplia as possibilidades de concordância na terceira pessoa do singular. O uso especialmente da flexão de segunda pessoa (do singular ou do plural), na perspectiva tradicional, foi se reduzindo à medida que se reduziu o uso de *tu* e, especialmente, de *vós*, e os pronomes *você* e *vocês* passaram a ter uso generalizado (inclusive, em muitas regiões em que o *tu* ainda é usado, é frequente a conjugação do verbo na terceira pessoa do singular). No ensino, esses usos acabam se refletindo na escrita do aluno.

² Para estudo mais aprofundado sobre a categoria “pessoa”, veja-se Benveniste (1995), e sobre o sistema pronominal do português brasileiro, vejam-se Menon (1995), Lopes (1999; 2008), Neves (2002) e Ilari (2010), entre outros. O foco, neste texto, reside na relação das categorias de pessoa e número com o paradigma verbal.

O comportamento sintático-semântico do verbo

O verbo pode, a depender de seu lexema, indicar início, meio e fim de um evento ou processo, e ainda indicar circunstâncias. A organização da frase verbal toma o verbo como matriz em virtude de sua estrutura sintático-semântica, em que todos os demais membros estão a ele vinculados, direta ou indiretamente. Trata-se de uma compreensão não abordada nas gramáticas tradicionais. Essa perspectiva fundamenta a Teoria das Valências, proposta por Tesnière (1966), que considera o verbo como elemento central da oração, mediante um processo hierárquico de dependência.

A título de exemplo, na frase *O funcionário conferiu com muito zelo todos os documentos*, o verbo *conferiu* rege os demais elementos. Esse verbo comporta espaço para dois elementos sintático-semânticos: *O funcionário* (ser que agiu), que concorda em número e pessoa com o verbo; e *todos os documentos* (ser afetado pela ação), que é complemento verbal, sem preposição. Os complementos do verbo, na perspectiva de Tesnière (1966), podem ser concebidos como correspondentes, em certa medida, ao sujeito e ao objeto da gramática tradicional. Já o sintagma *com muito zelo* (o modo como agiu) não é complemento verbal, pois não está diretamente vinculado ao lexema do verbo; ou seja, *conferiu* não requer o modo em seu lexema: compare-se com a frase *O funcionário comportou-se com muito zelo*. Dito de outra

forma: com *conferiu*, o modo pode ocorrer, mas não depende diretamente do lexema verbal. Comparando-se as orações *Pedro estuda na capital* e *Pedro mora na capital*, verifica-se que, somente no último caso, é possível aceitar que o local esteja diretamente vinculado ao lexema do verbo (no caso, *morar*)³.

O verbo comporta complementos que podem representar a) seres animados, inanimados, situações ou eventos que marcam a origem do processo, da ação ou do estado; b) seres animados, inanimados, opiniões, impressões, sensações, ou um resultado específico decorrente da ação verbal; c) seres animados ou inanimados que marcam o ponto de chegada do que fora desencadeado pelo verbo; d) circunstâncias em que se desenvolve a ação verbal. De acordo com Sella,

Nas frases em que o verbo rege a estrutura da frase, tem-se o que Tesnière (1966) denomina nó verbal. O nó verbal expressa todo um pequeno drama em que ocorre um processo envolvendo atores e circunstâncias, respectivamente chamados, em sintaxe, de verbo, actantes e circunstantes. Esse pequeno drama, na verdade, constitui-se numa metáfora para explicar o fenômeno da valência, a qual se refere ao número de lugares vazios indicados pelo lexema verbal. São lugares que devem ser preenchidos por complementos solicitados pelo verbo em particular, ou seja, os actantes (SELLA, 2020, p. 32).

³ Para aprofundamento de leitura sobre o papel sintático e semântico dos elementos vinculados ao verbo, com aplicação ao ensino, veja-se Sella (2020).

Em vista dessa perspectiva, observa-se que uma organização sintático-semântica da frase compreenderia as seguintes configurações:

1. Verbos que **não requerem complemento**. Normalmente, indicam fenômenos da natureza, como em *Raramente chove no deserto do Atacama*;
2. Verbos que requerem **um complemento** verbal (sujeito ou objeto), como em *A encomenda chegou* e *Fez muito calor durante a semana*;
3. Verbos que requerem **dois complementos** verbais, como em *O candidato apresentou sua plataforma de governo*;
4. Verbos que requerem **três complementos** verbais, como em *O atendente deu uma senha ao cliente*;
5. Verbos que requerem **quatro complementos** verbais, como em *A empresa transportou o lote de camisas de São Paulo para Porto Alegre*.

Além de indicar a qualidade sintática dos complementos verbais, o morfema lexical do verbo proporciona, a esses mesmos complementos, valores semânticos importantes para a constituição do sentido geral da oração/frase. Importa trazer aqui a noção de **traços semânticos**, que representam componentes do significado. Por exemplo, tomando-se como base o termo *menina*: *menina* tem o traço [+HUMANO], e *cão*, [-HUMANO]; *menina* tem o traço [+FEMININO], e *nadador*, [-FEMININO]; *menina* tem o traço [-ADULTO], e *esposa* [+ADULTO]; *menina* tem o traço [+ANIMADO], e *vaso*, [-ANIMADO], e assim por diante.

Fillmore (1968), ao definir os **casos semânticos**, recorre a alguns traços semânticos. Por exemplo, identifica o traço [+ANIMADO] para definir os casos

Agentivo, Instrumental e Dativo, e o traço [-ANIMADO] para o Instrumental. Os casos referem-se a um conjunto de conceitos universais que identificam certos tipos de julgamentos dos seres humanos a respeito de acontecimentos que os circundam, como *quem fez, com quem aconteceu, quando ocorreu, onde ocorreu* etc. Fillmore (1968) concebe inicialmente a seguinte lista dos casos principais, não necessariamente correspondentes à relação sintática de sujeito e objeto⁴:

- **Agentivo**: é o caso do instigador da ação verbal, percebido tipicamente como ser animado;
- **Instrumental**: é o caso da força ou objeto inanimado, causalmente implicado na ação ou estado verbal;
- **Dativo**: é o caso de ser animado afetado pelo estado ou ação verbal;
- **Factitivo**: é o caso do objeto ou ser resultante da ação ou estado verbal, ou compreendido como parte do significado do verbo;
- **Locativo**: é o caso que identifica a localização ou orientação espacial do estado ou ação verbal;
- **Objetivo**: é o caso semanticamente mais neutro, em que qualquer coisa representada por um substantivo cujo papel na ação ou no estado identificado pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo.

Trabalhos posteriores, como o do próprio Fillmore (1977), incorporaram novos casos conceituais, entre os quais se destacam os seguintes:

⁴ Destaca-se que os casos semânticos aqui apresentados não recobrem todas as possibilidades de papéis semânticos dos argumentos.

- **Experienciador** (ou experimentador): aquele que recebe ou aceita, ou se ressentido ou sofre o efeito de uma ação;
- **Beneficiário**: aquele que se beneficia da ação verbal;
- **Fonte**: lugar a partir do qual qualquer coisa se desloca;
- **Alvo**: lugar para o qual algo se move.

A estrutura sintático-semântica da oração pode ser organizada em quatro grupos, conforme proposta de Sella (2020). No Quadro 2, apresentam-se alguns exemplos de frases⁵, agrupadas conforme a origem da ação, processo ou estado; o desenrolar da ação, processo ou estado; e a meta para ação, processo ou estado. As noções apresentadas servem para sistematizar parâmetros da complexa função do verbo como centro da oração, embora constituam apenas uma pequena parte desse universo relacional. Pode-se observar que o morfema lexical do verbo possibilita selecionar seres com determinados traços semânticos. Esses seres podem ocorrer em posição sintática diferente da posição de sujeito.

⁵ Essas frases podem ser utilizadas para complementar as atividades dos alunos sobre o conteúdo “verbo”, apresentadas na Parte 2 deste livro, pois foram construídas, na medida do possível, na temática das unidades (isto é, sobre o cãozinho Lilo).

Quadro 2 – Organização da estrutura sintático-semântica da oração

Grupo	Perfil dos complementos verbais	Exemplos
ORIGEM	<p>a) Ser que instiga a ação verbal: ser que possui o traço [+ANIMADO]. Observação: Uma empresa, por exemplo, pode ter o traço [+ANIMADO], desde que seja responsável pela execução da ação.</p>	<p>Lilo brincou com seu amigo alienígena. O prato foi quebrado pelo Lilo. Lilo nunca obedece à Mãe. Ele recebeu críticas do amigo alienígena.</p>
	<p>b) A causa da ação ou processo: ser [+ANIMADO] ou [-ANIMADO] ou situação que desencadeia ou controla a ação verbal (no sentido de provocar, motivar ou incitar).</p>	<p>A violência causou muitas mortes. A virose gerou isolamento social naquela aldeia. O vento derrubou o arbusto.</p>
	<p>c) Ser inanimado que se torna auxiliar para o desenvolvimento da ação ou do processo: ser de origem inanimada que auxilia na ação verbal, mas sem o traço [+INSTIGADOR].</p>	<p>A faca cortou o bolo. O carro transportou as caixas. Os satélites revelam chuva no Nordeste.</p>
	<p>d) Tema do morfema lexical verbal: ser animado ou inanimado exposto a uma apreciação; não recebe o traço do controle. Observação: Em frases em que não há o traço</p>	<p>As bolachas ficaram ótimas. Mas as bolachas não estão no pacote. A comemoração ocorreu ontem. Este convite data de fevereiro de 2020.</p>

	[+INSTIGADOR] da ação (ou de ação não ocorrida), é possível considerar um <i>Expositivo</i> . Exemplo: Ele não comeu as bolachas .	A festa durou somente três horas. Lilo foi a atração.
SUPORTE	a) Ser afetado pela ação: ser com o traço [-ANIMADO] afetado pela ação verbal.	A mãe avaliou os custos da festa em mil reais. Lilo definiu o bolo como uma maravilha inatingível.
	b) Ser resultante da ação verbal: caso do ser, com o traço [-ANIMADO], cuja existência resulta da ação expressa pelo verbo.	O irmão do Lilo terminou um quadro muito lindo . Lilo escreveu uma carta .
	c) Espécie de interpretação, apreciação, conclusão ou sugestão.	O atleta é esperto . O clube está muito bem .
META	a) Ser que vivencia os reflexos da ação de verbos que expressam eventos psicológicos.	Lilo se arrependeu. Lilo teme os marcianos. O barulho incomoda Lilo .
	b) Ser que pode ter o traço [+ANIMADO] ou [-ANIMADO], para o qual se destina a ação.	Lilo recebeu uma carta. Lilo deu- lhe um ossinho. Lilo enviou uma mensagem para o alienígena .
CIRCUNSTANCIAL	a) Modo como é desenvolvida a ação verbal.	Lili se sente bem . O marciano tratou Lilo com cautela . O humano julgou a história com desconfiança .
	b) Tempo em que determinada ação se desenvolveu, ou se	O documento data de 1920 . A gritaria durou a tarde toda .

desenvolve, ou se desenvolverá.	A festa foi marcada para amanhã .
c) Local que expressa o lugar em que determinada ação é desenvolvida e a procedência ou a direção para a qual se orienta a ação.	Lilo encontra-se na Lua . A mãe vai para o Porto . Lilo pôs o amuleto na estante .
d) Qualidade atribuída a outro ser.	A mãe está alegre . Ela ficou furiosa .
e) Quantidade (peso, preço, medida etc.) inerente ao ser que está sendo apreciado quantitativamente.	A mãe vendeu a bolsa por vinte reais . O pacote de bolacha pesa dois quilos . O bolo foi avaliado em trinta reais .
f) Sentimentos e sensações do ser que experiencia a ação verbal.	Lilo sente saudades do bolo . Lilo nunca sente frio .

Fonte: Elaboração das autoras.

Todos os termos destacados em negrito, nas frases do Quadro 2, refletem uma relação de dependência com os verbos. Assim, temos: seres que indicam *quem fez, com quem aconteceu e o que foi mudado*. Dessa forma, também podemos ter: *o que se pensa disso, o que aconselhar para isso; a causa de isso ter ocorrido*.

Nestas frases, o sentido do verbo *pegar* está atrelado ao perfil semântico do objeto direto. Todos os complementos são objetos diretos, mas não se trata do mesmo caso semântico.

O trabalhador (*Agentivo*) pegou **o ônibus** (*Dativo*). [= entrou]

A mulher (*Agentivo*) pegou **a bolsa** (*Dativo*). [= agarrou, tomou em suas mãos]

Vovô (*Experienciador*) pegou **uma virose** (*Consecutivo*). [= contaminou-se].

A criança (*Experienciador*) pegou **uma birra** (*Consecutivo*). [= irritou-se].

O aluno (*Agentivo*) pegou **a explicação** (*Consecutivo*). [= entendeu]

A escolha do verbo é um dado relevante para marcar a expectativa, pois, em cada verbo, está inscrito o número de complementos e sua qualidade sintática. Considerem-se estes exemplos: *Ele ganhou o prêmio; Ele foi homenageado; Ele recebeu o prêmio; O prêmio foi dado a ele*. O verbo *ganhar* pede Experienciador ou Dativo; *homenagear* pede, na voz passiva, um Experienciador; *receber*, um Destinatário e um Dativo; e *dar*, na voz passiva, Dativo e Destinatário. Essa possibilidade de escolha deve ser vista como uma das estratégias para a produção de frases. Por exemplo, na indeterminação em voz ativa, a omissão do agente é parcial por causa da marca verbal (*Deram o livro*); já na voz passiva, é possível indeterminar totalmente o agente, e o sujeito representa um Dativo (*O livro foi dado*).

Outro dado interessante é que a metáfora (quando se fala em sentido figurado – por exemplo, *Lilo latiu demais para o cachorrinho da vizinha. Lilo trovejou latidos. Parecia um cantor de rock*) pode ser ensinada como a possibilidade de lidar com informações como [+ANIMADO] ou [-ANIMADO]; [+HUMANO] e [-HUMANO]. Na frase *A Mãe limpou o texto*, ocorre metáfora regida pelo caso estabelecido no objeto direto.

Já em *Lilo abriga muitos sonhos*, o sentido do verbo *abrigar* é imposto pelos sintagmas *Lilo* e *muitos sonhos*. Também merecem atenção as frases formadas por perífrases com *dever* e *poder*, em que o sujeito pode caracterizar-se semanticamente por um ser exposto para ser comentário: *Lilo deve estar muito irritado*.

A produção de frases depende de como lidar com as expectativas, de que verbo vai ser acionado e de que complementos vão figurar. Ensinar a estrutura da frase é ensinar a estrutura do verbo, o que é uma estratégia sintática e semântica. A descrição aqui proposta evidencia: a) o verbo como elemento central da frase; b) os complementos verbais caracterizados sintaticamente; c) a consideração de que o verbo gera um rol de opções para a formação de expectativas a serem lançadas na frase.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CASTILHO, A. T. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, Marília, v. 12, p. 7-135, 1967.
- FILLMORE, C. Em favor do caso. In: *A semântica na linguística moderna*. O léxico. Tradução de Lucia Maria Pinheiro Lobato. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.
- FILLMORE, C. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADOCK, J. M. (Ed.). *Syntax and semantics*. v. 8: Grammatical relations. New York: Academic Press, 1977. p. 59-81.
- GOUVÊA, L. H. M. *Função dos tempos verbais*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-09.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- ILARI, R. Os pronomes do português brasileiro, algumas comparações. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 314-330, abr./maio 2010.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. III: Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

LOPES, C. R. S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Eduff, 2008, v. 2. p. 55-71.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

NEVES, M. H. M. Os pronomes. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 4: Estudos descritivos. São Paulo: Humanitas; Fapesp; Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 13-33.

SELLA, A. F. *Proposta de ensino da frase em língua portuguesa: papel sintático e semântico dos elementos vinculados ao verbo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1966.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EdUFU, 2014.

Bibliografia sugerida para leitura

ALLERTON, D. J. *Valency and the English verb*. Londres: Academic Press, 1982.

ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: Edusc, 2003.

CHAFE, W. L. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. p. 7-30.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HOYOS, B. L. F. A Teoria das Valências: uma aplicação à língua portuguesa. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45., 1997, Campinas. *Comunicação em Mesa Redonda*. Campinas: Unicamp, 1997.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, M. *Ler e compreender: os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBERATO MARTINEZ, M. *Los complementos preposicionales según la gramática dependencial del verbo: Estudio contrastivo alemán español*. 1981. Tesis (Licenciatura) – Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1981.

LIMA, M. C. P. B. A gramática dos casos e o “Dativo”. *Alfa*, São Paulo, v. 26, p. 33-46, 1982.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1986.

MARCHUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

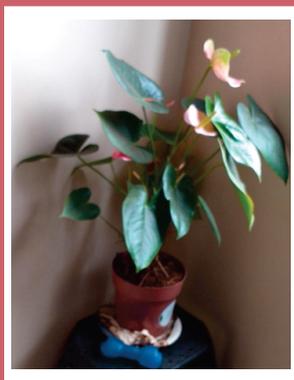
NILSEN, D. L. F. *Toward a semantic specification of deep case*. The Hague; Paris: Mouton, 1972.

POSSENTI, S. *Mal comportadas línguas*. Curitiba: Criar: 2002.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

UNESCO. *Educação e transdisciplinaridade*. São Paulo: Unesco, 2000. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>. Acesso em: 06 mar. 2020.



Nos vocábulos, nas frases, nos textos...

Tudo nasce e renasce. E até mesmo
permanece...

O Lilo e a Gatinha Fofucha querem
mostrar que estão aqui neste livro.
Que precisam de seres humanos para
terem sentido social...

E ainda que dependem do amor de
humanos para serem felizes neste
mundo social...

